

# Boletim de **Conjuntura da Bahia**

4º TRIMESTRE DE 2022

# Boletim de **Conjuntura da Bahia**

4º TRIMESTRE DE 2022



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

**Rui Costa dos Santos**

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

**Cláudio Ramos Peixoto**

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS

E SOCIAIS DA BAHIA – SEI

**José Acácio Ferreira**

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (DISTAT)

**Armando Affonso de Castro Neto**

DIRETORIA DE PESQUISAS (DIPEQ)

**Jonatas Silva do Espírito Santo**

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO

CONJUNTURAL (CAC)

**Arthur Souza Cruz Júnior**

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (COPES)

**Luiz Fernando Araújo Lobo**

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS

PÚBLICAS (COREF)

**João Paulo Caetano Santos**

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira** (Cenário Internacional, Nacional e Estadual)

**Pedro Marques de Santana** (Agropecuária)

**Carla Janira Souza do Nascimento** (Produção Industrial)

**Elissandra Alves de Britto** (Comércio Varejista)

**Rosângela Conceição** (Serviços e Turismo)

**Arthur Souza Cruz Juniores Henrique Rocha Reis** (Comércio Exterior)

**João Gabriel Rosas Vieira, Poliana Peixinho e Marília Jane Campos** (Finanças Públicas)

**João Paulo Caetano Santos, Carol Vieira e Denis Veloso** (Produto Interno Bruto)

**Luiz Fernando Araújo Lobo** (Mercado de Trabalho)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

**Zélia Maria Abreu Góis**

NORMALIZAÇÃO

**Eliana Marta Gomes Silva Sousa**

EDITORIA-GERAL

**Luzia Luna Pamponet**

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

**Ludmila Nagamatsu**

DESIGN GRÁFICO

**Vinícius Luz Assunção**

REVISÃO LINGUÍSTICA

**EGBA**

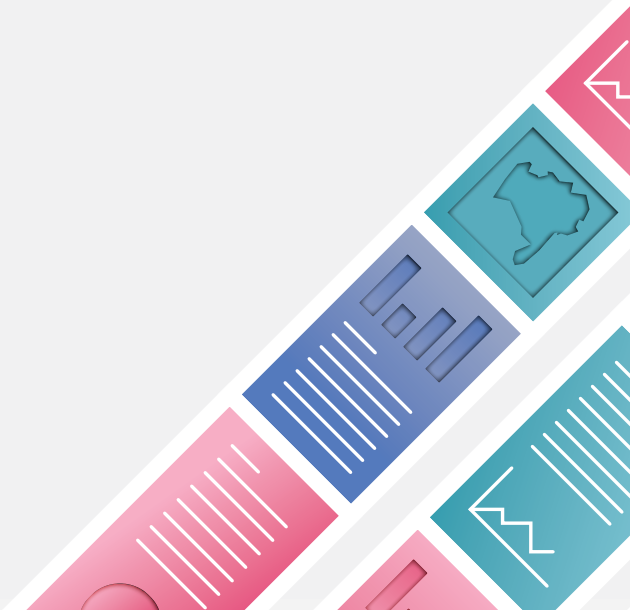
EDITORIAÇÃO

**Perivaldo Barreto Pereira**  
(Autor Visual Design Gráfico)

# SUMÁRIO



PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL.....	5
Cenário internacional .....	5
Cenário nacional.....	9
Cenário estadual .....	15
AGROPECUÁRIA.....	19
Cenário Bahia.....	19
PRODUÇÃO INDUSTRIAL.....	23
COMÉRCIO VAREJISTA .....	28
SERVIÇOS .....	35
TURISMO .....	38
COMÉRCIO EXTERIOR.....	41
IMPORTAÇÃO.....	48
FINANÇAS PÚBLICAS.....	52
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB).....	54
PIB baiano cresce 2,6% no ano de 2022 .....	54
PIB em Valor Corrente .....	54
MERCADO DE TRABALHO .....	59



## PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira  
*lmario@sei.ba.gov.br*

### Cenário Internacional

A continuidade das políticas monetárias contracionistas, o agravamento da guerra da Rússia na Ucrânia e a pandemia decovid-19 continuaram afetando o desempenho econômico das maiores economias do mundo no terceiro trimestre de 2022.

A Chinase recuperou em um ritmo mais rápido do que o esperado nesse terceiro trimestre, enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 3,9%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Apesar da recuperação, a economia continuou enfrentando desafios em múltiplas frentes, tanto internamente quanto externamente.

O PIB dos Estados Unidos cresceu mais do que o esperado no terceiro trimestre, em meio a um declínio contínuo no déficit comercial. O aumento, a uma taxa anualizada, foi de 3,2%, segundo o Departamento de Comércio dos Estados Unidos. O país interrompeu a sequência de duas quedas trimestrais consecutivas na produção, o que levantou preocupações de que a economia estaria numa recessão.

Ainda nesse terceiro trimestre, a economia do Japão contraiu pela primeira vez em um ano, refletindo a fraca demanda externa e uma lenta recuperação dos gastos privados em meio a temores persistentes sobre a covid-19 e a inflação. A taxa anualizada, nesse período, foi de -1,2% em relação ao trimestre anterior. O PIB caiu 0,3%, ante o trimestre anterior. O PIB da Zona do Euro cresceu 0,2% no terceiro trimestre ante os três meses imediatamente anteriores, registrando uma alta de 2,1% na comparação anual.

Diante desses desempenhos das principais economias ao longo do terceiro trimestre, os resultados do último trimestre do ano foram, de certa forma, positivos, considerando-se também os resultados para o acumulado em 2022. Isso em razão das condições geopolíticas, econômicas e sanitárias que marcaram o ano.

O PIB da China cresceu 2,9% no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior, contra um ritmo de 3,9% no terceiro trimestre. No acumulado de 2022, a taxa foi de 3,0%, de acordo como Escritório Nacional de Estatísticas da China (NBS, na sigla em inglês). A taxa de crescimento do PIB anual foi a segunda pior do país desde 1976, último ano da Revolução Cultural, ficando atrás apenas dos 2,2% de 2020, primeiro ano da pandemia. O dado representa uma forte desaceleração em relação a 2021, quando o PIB do país havia avançado 8,1%.

O crescimento do quarto trimestre chinês foi duramente atingido pelas rigorosas restrições contra a covid-19 e por uma queda no mercado imobiliário, aumentando a pressão sobre as autoridades para a adoção de mais estímulos econômicos em 2023. Além disso, a demanda global fraca também significa que a recuperação do crescimento dependerá muito da demanda interna chinesa.

Pesquisa da agência Reuters prevê que o crescimento irá para 4,9% em 2023, à medida que os líderes chineses agem em alguns dos principais entraves ao crescimento – a política de Covid Zero e uma grave retração do setor imobiliário. A maioria dos economistas espera que o crescimento aumente a partir do segundo trimestre de 2023.

O PIB americano aumentou a uma taxa anualizada de 2,7% no quarto trimestre de 2022, conforme informado pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos, em sua segunda estimativa. O aumento refletiu principalmente os avanços nos investimentos, nos gastos do consumidor e do governo. Os gastos dos consumidores representaram mais de dois terços da atividade econômica dos Estados Unidos. Com isso, o país teve a segunda alta trimestral seguida, após duas quedas trimestrais sucessivas.

Esse contexto pode marcar o último trimestre de crescimento sólido antes dos efeitos defasados do ciclo mais rápido de aperto da política monetária do Federal Reserve (Fed), o banco central americano, desde os anos 1980. Especialistas esperam uma recessão até o segundo semestre de 2023, embora suave em comparação com as recessões anteriores.

Já no ano de 2022, o PIB cresceu 2,1%, ante alta de 5,9% em 2021. Esse avanço refletiu principalmente o aumento nos gastos do consumidor, nas exportações e nos investimentos. Em comparação com o terceiro trimestre, o crescimento menor do PIB no quarto trimestre do ano exprimiu uma desaceleração nas exportações e no investimento fixo não residencial, nos gastos dos governos estaduais e locais e nos gastos do consumidor.

Em 2022, o destaque foi o aumento dos gastos do consumidor, incrementado pela procura por serviços, principalmente viagens internacionais, serviços de alimentação e alojamento e cuidados com a saúde. O aumento nos investimentos reproduziu principalmente a alta nas indústrias de manufatura e no comércio atacadista e varejista. Entre as quedas, destaque para o investimento fixo residencial e os gastos do governo federal.

Em meio a esses dados, investidores continuam atentos aos próximos movimentos do Fed em relação à taxa de juros. Apesar dos números ainda bons, vários outros indicadores de atividade sugerem que a economia americana está em forte desaceleração. Esse esfriamento reflete o aperto na política monetária que começou a ser implementado pelo Fed no ano

passado para conter a inflação. A previsão é que a taxa de juros alcance um pico neste ano, ficando entre 5% e 5,25%.

A economia do Japão expandiu 0,2% no período outubro-dezembro de 2022 em relação ao trimestre anterior, em termos dessazonalizados, o que se traduz em crescimento anualizado de 0,6%. O número marca o primeiro crescimento trimestral desde o intervalo de abril a junho de 2022. Em comparação a 2021, a economia japonesa cresceu 1,1%, marcando o segundo ano de avanço, enquanto o país se recuperava da pandemia de covid-19. Contudo, o ritmo desacelerou, segundo informou o governo japonês.

A demanda privada aumentou 2,4% em relação ao ano anterior, à medida que o consumo se recuperou em razão do relaxamento das restrições da covid-19. No entanto, o aumento dos custos de combustíveis após a invasão da Ucrânia pela Rússia e a desvalorização do lene significaram custos de importação mais altos, reduzindo as exportações líquidas.

Em outras partes da Ásia, o PIB real da Coreia do Sul aumentou 2,6%, enquanto Indonésia e Cingapura registraram crescimento de 5,3% e 3,6% no ano, respectivamente.

A economia da Zona do Euro cresceu 0,1% no quarto trimestre de 2022, em comparação com o trimestre anterior, segundo dados divulgados pela agência europeia de estatísticas, a Eurostat. O resultado marca uma desaceleração em relação à expansão de 0,3% registrada no terceiro trimestre e representa uma leve queda que, no entanto, superou as previsões de muitos analistas, que alertavam para uma retração mais acentuada.

O PIB da Zona do Euro teve alta de 1,9%, em base anual, no quarto trimestre de 2022, na segunda leitura preliminar. O indicador ficou em linha com a primeira leitura e também com o consenso projetado por economistas consultados pelo diário The Wall Street Journal. No conjunto de 2022, o PIB da Zona do Euro avançou 3,5%, apontou a Eurostat.

O impacto da guerra da Rússia na Ucrânia e a forte subida dos preços de energia lançaram uma nuvem de incerteza sobre o futuro da economia europeia, com a possibilidade de um cenário recessivo no inverno boreal. A Comissão Europeia espera que a Zona do Euro evite uma recessão este ano, projetando uma expansão econômica de 0,9% em 2023, superior ao aumento de 0,3% que era estimado em novembro. Por sua vez, alguns economistas preveem estagnação em 2023 na economia da Zona do Euro.

O PIB dos países que integram a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) cresceu no fraco ritmo de 0,3% no quarto trimestre de 2022 ante os três meses anteriores, segundo relatório publicado pela própria OCDE. O resultado apontou leve

desaceleração, uma vez que o PIB havia expandido 0,4% no terceiro trimestre de 2022 ante o trimestre anterior.

No último trimestre de 2022, o PIB da OCDE excedeu os níveis pré-pandemia da covid-19 em 3,8%. Em todo o ano de 2022, a economia do grupo cresceu 2,9%, depois de avançar 5,7% em 2021, de acordo com estimativas iniciais.

No G-7 (grupo de países mais industrializados do mundo), o crescimento do PIB trimestral também perdeu força, de 0,5% no terceiro trimestre para 0,4% no quarto trimestre de 2022.

Diante desses resultados do PIB das principais economias e blocos econômicos em 2022, o Fundo Monetário Internacional (FMI) revisou para cima o crescimento global de 2023. Conforme o FMI, a economia mundial está demonstrando resiliência maior do que a prevista ante sucessivos impactos. Diante disso, o Fundo revisou para cima a previsão de crescimento global para 2,9% em 2023, de acordo com o primeiro relatório do Panorama Econômico Mundial divulgado em janeiro.

O espectro da recessão está recuando em vários países, e a reabertura da China aumenta a perspectiva de uma recuperação adicional. A nova previsão de crescimento global de 2,9% é 0,2 ponto percentual a mais do que o prognóstico feito pelo FMI em outubro.

A desaceleração parece menos significativa do que a esperada em várias economias desenvolvidas, especialmente nos Estados Unidos, que têm uma expectativa de crescimento de 1,4% em 2023, 0,4 ponto percentual a mais que em outubro.

O crescimento na Zona do Euro, que resiste melhor do que o esperado à crise energética ligada à guerra na Ucrânia é agora previsto em 0,7%, representando aumento de 0,2 ponto percentual em relação à estimativa anterior.

O outro fator importante é a reabertura da China após o abandono da política Covid Zero, o que deve permitir que o crescimento chinês (5,2% contra 4,4% previsto há três meses) venha a dar um impulso acelerador à economia global.

Além disso, a inflação, que atingiu níveis muito elevados em todo o mundo, está estabilizando-se, devendo ser mais baixa em 2023 do que em 2022 na maioria dos países, aponta o FMI em seu relatório. No entanto, a instituição prevê para este ano uma inflação um pouco acima do que havia previsto anteriormente, em 6,6% contra 6,5% esperados em outubro.

O FMI também avalia que a guerra da Rússia na Ucrânia continuará a pesar globalmente sobre a atividade econômica e sobre os preços. Outros riscos citados pelo Fundo no



relatório são novas ondas de covid-19 e uma desaceleração mais acentuada do que o esperado no setor imobiliário chinês. O elevado endividamento dos países emergentes é igualmente mencionado.

Segundo o economista-chefe do FMI, Pierre-Olivier Gourinchas, as perspectivas não pioraram dessa vez, o que em si é uma boa notícia. Porém, não são suficientes, pois ainda existem alguns desafios rumo a uma recuperação sustentável, ampla e duradoura.

### **Cenário nacional**

O Produto Interno Bruto (PIB) do terceiro trimestre de 2022 confirmou os sinais de desaceleração da atividade econômica, sobretudo na indústria, após um primeiro semestre de expansão. No último trimestre do ano, a atividade econômica continuou desacelerando, embora o mercado de trabalho apresentasse queda na taxa de desemprego.

As principais causas desse processo de redução do crescimento foram os efeitos defasados do processo de aperto monetário conduzido pelo Banco Central e a guerra da Rússia na Ucrânia. Ao longo do quarto trimestre de 2022, os resultados das pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontaram para uma redução no ritmo de crescimento dos principais setores de atividade econômica, como Indústria geral e Comércio varejista.

A produção industrial (indústrias de transformação e extrativas), diante das restrições externas e do aperto monetário, que criou um obstáculo para a compra de itens industriais mais caros e que dependem de concessão de crédito, caiu 0,42% no quarto trimestre de 2022 em relação ao terceiro. Entre as grandes categorias econômicas, três dos quatro grandes segmentos também desaceleraram na passagem do terceiro para o quarto trimestre, com destaque para *Bens de consumo duráveis* (de 8,2% para 2,9%).

Em relação ao quarto trimestre de 2021, a Indústria cresceu apenas 0,5%, marcando o fim de quatro trimestres consecutivos de taxas negativas. Em 2022, acumulou um recuo de 0,7%, após registrar alta de 3,9% em 2021, com resultados negativos em quatro grandes categorias econômicas, em 17 dos 26 ramos e em 54 dos 79 grupos.

Entre as nove atividades que apontaram expansão na produção em 2022, a de *Coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis* (6,6%) exerceu a maior influência na formação da média da indústria. Outros impactos positivos importantes foram registrados por *Produtos alimentícios* (2,4%) e *Veículos automotores, reboques e carrocerias* (3,0%).

Com o resultado, o indicador da indústria segue abaixo do patamar pré-pandemia. Está em nível 2,2% inferior ao de fevereiro de 2020, período anterior à crise sanitária. Também mostra patamar 18,5% abaixo do recorde da série, de maio de 2011. André Macedo, gerente da pesquisa do IBGE, destacou que a produção industrial opera em nível semelhante ao de janeiro de 2009, isso ilustra as dificuldades de crescimento enfrentadas pelo setor ao longo dos últimos anos.

Os efeitos da inflação e o aumento da taxa de juros contribuíram para que o Comércio varejista apresentasse uma queda de 0,68% no quarto trimestre de 2022 em relação ao terceiro trimestre. É a segunda queda consecutiva do setor, que havia recuado 1,28% no terceiro trimestre em relação ao segundo. Em relação ao mesmo trimestre de 2021, o setor registrou um crescimento de 1,4%. No ano, o Comércio varejista acumulou alta de 1,0%, menor resultado desde 2016 (6,2%). O varejo, que passou o ano inteiro acima do patamar pré-pandemia, registrado em fevereiro de 2020, passou a operar 1,1% abaixo do patamar em dezembro de 2022.

Conforme explica o gerente da pesquisa, Cristiano Santos, "esse resultado acumulado no ano está muito próximo ao dos anos anteriores. Em 2021, por exemplo, houve ganho acumulado de 1,4%. Então, em 2022, há um crescimento similar, mas ainda mais tímido. Além disso, é muito concentrado, em termos de variação, no segmento *Combustíveis e lubrificantes*, que acumulou alta de 16,6% no ano, uma distância grande para o acumulado dessa atividade em 2021 (0,3%)". Segundo ele, o ramo dos *Combustíveis* começou uma trajetória de crescimento em julho do ano passado, quando houve mudança na política de preços dos seus principais produtos.

O segmento *Livros, jornais, revistas e papelaria* (14,8%) também acumulou um aumento de dois dígitos em 2022. O crescimento é associado ao retorno da circulação de pessoas e das aulas presenciais. Essa atividade não acumulava alta, frente ao ano anterior, desde 2013.

O segmento de *hiper e supermercados*, que é o de maior peso na pesquisa, encerrou o ano com ganho acumulado de 1,4%. De acordo com o gerente Cristiano Santos, esse crescimento tem relação com a queda de 2,6% no ano anterior. Em 2022, o efeito da inflação elevada, principalmente sobre o preço dos alimentos, favoreceu mais esse segmento que outros, já que muitos deixam de consumir outro tipo de produto para continuar comprando itens básicos, ainda que reduzam o dispêndio de forma geral. No último trimestre, houve também o efeito do Auxílio Brasil, programa de transferência de renda a famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, que tendem a usar o valor do benefício para comprar alimentos e outros itens de primeira necessidade.

Em dezembro de 2022, o volume de serviços no Brasil cresceu 3,1% ante o de novembro, na série com ajuste sazonal. Com isso, o setor de Serviços ficou 14,4% acima do nível de fevereiro de 2020 e alcançou patamar recorde na série histórica, iniciada em 2011. Frente a dezembro de 2021, o setor teve sua 22ª taxa positiva consecutiva, avançando 6,0%.

Em relação ao quarto trimestre de 2021, a expansão de Serviços foi de 7,3%, acumulando alta de 8,3% em 2022, com quatro das cinco atividades apontando taxas positivas e crescimento em 62,7% dos 166 tipos de serviços pesquisados. A contribuição positiva mais importante ficou com o ramo de *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (13,3%). Os demais avanços vieram de *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (7,7%); *Serviços prestados às famílias* (24,0%), e *Serviços de informação e comunicação* (3,3%). Em sentido oposto, o segmento *Outros serviços* (-2,1%) registrou a única taxa negativa do indicador acumulado no ano.

Para o analista da pesquisa, Luiz Almeida, a intensificação na retomada de serviços presenciais, após os períodos de isolamento e distanciamento social em 2020 e 2021, ajuda a explicar a expansão em 2022. Principalmente no ramo de *transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (13,3%), a principal influência para o resultado do ano. “O setor de transportes cresce desde 2020, mas com dinâmica diferente: inicialmente, por causa da área de logística, com alta nos serviços de entrega, em substituição às compras presenciais. Já em 2022, há a manutenção da influência do transporte de carga, puxado pela produção agrícola, mas também pela reabertura e a retomada das atividades turísticas, impactando o índice no transporte de passageiro”, explica o pesquisador.

A safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas alcançou 263,2 milhões de toneladas (t) em 2022, de acordo com a estimativa de setembro do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE. O resultado foi uma alta de 3,9% em relação a 2021, o equivalente a 10 milhões de t a mais.

O ano foi marcado pelo recorde de produção de milho e de trigo e quebra da safra de soja, com declínio de 11,4% em relação a 2021; para o milho, a safra foi de 110,2 milhões de t, crescimento de 25,5%, enquanto a produção do trigo foi de 10,0 milhões de t, alta de 28,5%.

A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio. A área colhida foi de 73,2 milhões de hectares (ha), apresentando crescimento de 6,8% ante a área colhida em 2021, o que representou aumento de 4,7 milhões de ha.

As pesquisas mensais do IBGE mostraram que a Indústria geral registrou queda, o Comércio varejista apresentou um crescimento modesto, a Agricultura, mais uma vez, mostrou sua

competitividade, enquanto os Serviços continuaram expandindo-se ao longo de 2022, favorecidos pela flexibilização total das atividades.

Mesmo com a resiliência dos setores, a conjuntura ainda permaneceu desafiadora, diante das taxas de juros elevadas, da inadimplência e do conflito Rússia-Ucrânia, afetando negativamente o mercado de trabalho formal no quarto trimestre de 2022. De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o fechamento de 137.562 postos formais de trabalho mostrou uma tendência de desaquecimento acima do esperado no mercado de trabalho no último trimestre do ano.

O Brasil encerrou 2022 com um saldo positivo de 2,038 milhões de empregos formais, número 26,6% menor do que o observado no ano anterior, resultado de 22,6 milhões de admissões, 8,1% acima do observado no ano anterior, e 20,6 milhões de desligamentos, alta de 13,4% em relação a 2021. Para o subsecretário de Estudos e Estatísticas do Trabalho, Felipe Pateo, "o mercado formal teve mais admissões e mais desligamentos, um saldo menor que significa também um aumento da rotatividade no mercado de trabalho no ano".

Todos os grupamentos de atividades econômicas do Caged tiveram saldo positivo no ano passado. O destaque ficou com o setor de Serviços, que abriu 1,177 milhão de vagas. Em seguida, Comércio (350 mil), Indústria (252 mil), Construção (194 mil) e Agropecuária (65 mil). No recorte regional, as duas primeiras posições ficaram com o Sudeste (979 mil empregos) e o Nordeste (385 mil empregos formais). Em relação aos níveis de salário, os valores médios de contratação tiveram ligeira alta no ano, passando de R\$ 1.897,30 em dezembro de 2021 para R\$ 1.915,16 no fechamento de 2022.

A geração de empregos formais refletiu-se na taxa de desemprego calculada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADContínua), do IBGE. A taxa de desocupação ficou em 7,9% no trimestre encerrado em dezembro, um recuo de 0,8 ponto percentual (p.p.) na comparação com o trimestre anterior.

Com o resultado, a taxa média anual do índice foi de 9,3% no ano, o que representa uma retração de 3,9 p.p. ante a de 2021, quando marcou 13,2%. É o menor patamar para o período desde 2015, quando registrou 8,6%. "A taxa de desocupação segue a trajetória de queda que vem sendo observada nos últimos trimestres. A retração é influenciada pela manutenção do crescimento da população ocupada", destaca Adriana Beringuy, coordenadora da PNADContínua.

A população desocupada média no ano totalizou 10,0 milhões de pessoas em 2022, com queda de 3,9 milhões (-27,9%) ante 2021. A população ocupada média chegou a 98,0 milhões de pessoas em 2022, a maior média anual da série, e 7,4% acima de 2021.

A PNAD Contínua mostrou ainda que o valor médio anual do rendimento real habitual foi estimado em R\$ 2.715, valor 1,0% menor (- R\$ 28) que o estimado para 2021. O valor médio anual da massa de rendimento real habitual chegou a R\$ 261,3 bilhões, o maior da série, com alta de 6,9% (mais R\$ 16,9 bilhões) em relação a 2021. De 2012 a 2022, essa massa de rendimentos cresceu 12,6%. Para Adriana Beringuy, coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, “o ano de 2021 foi de transição, saindo do pior momento da série histórica, sob o impacto da pandemia e do isolamento ocorrido em 2020. Já 2022 marca a consolidação do processo de recuperação. Em dois anos, a desocupação do mercado de trabalho recuou 4,5 p.p.”.

Os resultados das pesquisas mostraram sinais de desaceleração na economia que foram ratificados pelos resultados do PIB do quarto trimestre de 2022. O PIB ficou negativo após cinco avanços consecutivos. O recuo foi de 0,2% em relação aos três meses imediatamente anteriores, o que reflete um cenário de desaceleração da atividade econômica. A Indústria mostrou retração de 0,3%, enquanto a Agropecuária e os Serviços apresentaram variação positiva de 0,3% e 0,2%, respectivamente.

No que se refere à despesa, houve variação positiva da *Despesa de consumo das famílias* (0,3%) e da *Despesa de consumo do governo* (0,3%), ao passo que houve queda da *Formação bruta de capital fixo* (-1,1%). As *Exportações de bens e serviços* cresceram 3,5%, enquanto as *Importações de bens e serviços* caíram 1,9% em relação ao terceiro trimestre de 2022.

Em relação ao quarto trimestre de 2021, o PIB avançou 1,9% no último trimestre de 2022, oitavo resultado positivo consecutivo nessa base de comparação. Foram registradas altas nos Serviços (3,3%) e na Indústria (2,6%), enquanto a Agropecuária caiu 2,9%. O principal destaque da Indústria foi o crescimento em volume da atividade *eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos* (10,8%), devido às bandeiras tarifárias mais favoráveis nesse trimestre, contrastando com a escassez hídrica do mesmo período de 2021. A Construção também cresceu 3,2% no quarto trimestre.

Entre os componentes da demanda interna, em relação ao quarto trimestre de 2021, a *Despesa de consumo das famílias* (4,3%), a *Despesa de consumo do governo* (0,5%) e a *Formação bruta de capital fixo* (3,5%) tiveram alta em relação a igual período do ano anterior. No setor externo, as *Exportações de bens e serviços* cresceram 11,7% assim como as *Importações de bens e serviços* avançaram 4,6% no quarto trimestre de 2022.

A economia brasileira fechou o ano de 2022 com crescimento acumulado de 2,9%. O resultado veio ligeiramente abaixo da mediana das estimativas dos analistas do mercado, que projetavam alta de 3,0%. É o segundo crescimento consecutivo, após alta de 5% em 2021. A economia havia registrado queda de 3,3% em 2020, período inicial da pandemia.

O PIB cresceu 2,9% ante o mesmo período do ano anterior, puxado pela Indústria (1,6%) e os Serviços (4,2%), com queda de 1,7% na Agropecuária. “Desses 2,9% de crescimento em 2022, os Serviços foram responsáveis por 2,4 pontos percentuais. Além de ser o setor de maior peso, foi o que mais cresceu, o que demonstra como foi alta a sua contribuição na economia no ano”, analisa Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais do IBGE.

Na Indústria, o maior destaque foi a atividade *Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos* (10,1%), que teve bandeiras tarifárias mais favoráveis em 2022. A queda na Agropecuária decorreu do decréscimo de produção e perda de produtividade da atividade *agricultura*, que suplantou as contribuições positivas das atividades de *Pecuária e pesca*. Segundo a coordenadora, “a soja, principal produto da lavoura brasileira, com estimativa de queda de produção de 11,4%, foi o que mais puxou o resultado da Agropecuária para baixo no ano, sendo impactada por efeitos climáticos adversos”.

Na análise da demanda agregada, houve alta de 0,9% na *Formação bruta de capital fixo*, segundo ano consecutivo de crescimento. A *despesa de Consumo das famílias* avançou 4,3% em relação ao ano anterior e a *Despesa do consumo do governo*, por sua vez, cresceu 1,5%. No âmbito externo, as *Exportações de bens e serviços* cresceram 5,5%, enquanto as *Importações de bens e serviços* subiram 0,8%.

O consumo é o principal componente do PIB sob a ótica da demanda, pois responde por cerca de 60% do indicador. O ano de 2022 foi marcado pelo fim das restrições impostas pela pandemia da covid-19. A reabertura da economia estimulou os gastos das famílias com bens e serviços presenciais, como turismo. Além disso, o consumo também teve o incentivo da reação do mercado de trabalho e, no segundo semestre com a proximidade das eleições de 2022, o governo federal apostou em medidas como a ampliação do Auxílio Brasil e os cortes de impostos sobre combustíveis.

De acordo com Rebeca Palis, “se pela ótica da oferta quem puxou foi o setor de Serviços, na ótica da demanda, foi o *Consumo das famílias*, é importante dividir a demanda interna do setor externo, pois, dos 2,9% do crescimento, 2,0 p.p. foram da demanda interna, principalmente do *Consumo das famílias*, e 0,9 p.p., da demanda externa, que também subiu, já que as exportações cresceram mais do que as importações”.

Em síntese, o PIB totalizou R\$ 9,9 trilhões em 2022. O PIB *per capita* alcançou R\$ 46.154,6 em 2022, um avanço real de 2,2% ante o ano anterior. A taxa de investimento em 2022 foi de 18,8% do PIB, enquanto o registrado em 2021 foi de 18,9%. Já a taxa de poupança foi de 15,9% (ante 17,4% em 2021).

O ano de 2023 tende a trazer novos desafios para economia brasileira. Projeções de economistas sinalizam baixo crescimento da atividade econômica, diante de ameaças vindas do cenário externo. Essas ameaças estão associadas à geopolítica, com um mundo menos integrado em relação ao período anterior à guerra da Rússia na Ucrânia. As sanções contra a Rússia e a desarticulação de cadeias produtivas, com a definição de blocos econômicos e políticos, são marcos desse cenário.

As empresas definem suas estratégias de alocação de insumos, serviços e processos produtivos com base não somente em indicadores econômicos, mas também conforme a situação política e de relações sociais. Segundo a consultoria de risco Global Eurasia Group, o mundo estaria nas profundezas de uma recessão geopolítica.

Em janeiro de 2022, mesmo com esse cenário geopolítico negativo, o Fundo Monetário Internacional (FMI) elevou a expectativa de crescimento para o PIB do Brasil. O desempenho, no entanto, foi um dos piores entre os países emergentes. Para a instituição, a economia brasileira deve crescer 1,2% neste ano, aumento de 0,2 p.p. em relação à previsão de outubro. Com essa taxa, o desempenho brasileiro está abaixo da projeção para a economia global, que deve avançar 2,9% em 2023.

De acordo com o FMI, o Brasil ainda se mostra sensível a choques inflacionários, o que aumenta os riscos de desancoragem das metas de inflação. Além dos "desafios que a economia global está enfrentando, que são imensos, o enfraquecimento dos indicadores econômicos aponta para mais desafios à frente", diz o relatório do FMI, acrescentando que o atual ambiente macroeconômico é "extraordinariamente incerto".

### **Cenário estadual**

A atividade econômica da Bahia apresentou uma desaceleração no segundo semestre de 2022, diante de uma conjuntura pouco favorável, seja interna como externa. No terceiro trimestre, o Produto Interno Bruto (PIB), calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), cresceu 3,2% na comparação com o mesmo período de 2021, enquanto no quarto trimestre, na mesma base de comparação, a taxa foi 1,5%.

Os dados das pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no quarto trimestre, sistematizados e analisados pela Superintendência de Estudos Econômicos

e Sociais da Bahia (SEI), já antecipavam essa desaceleração, pela queda na Indústria geral (-6,4%) e estabilidade no Comércio varejista (0,0%). Por sua vez, Serviços e exportações e Agropecuária continuaram a registrar crescimento.

A Indústria geral (transformação e extrativa) baiana apresentou retração no quarto trimestre em relação ao mesmo trimestre de 2021, com queda de 6,4%, dois trimestres consecutivos de contração. Nessa comparação, na indústria baiana, destacaram-se os recuos na *Indústria extrativa* (17,2%); *Produtos derivados de petróleo* (10,1%) e *Produtos químicos*(10,0%), enquanto as atividades de *Alimentos*(3,6%) e *Celulose e papel*(11,9%) se expandiram. Em 2022, o setor industrial acumulou taxa positiva de 2,4%, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Com base na Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), o varejo baiano registrou estabilidade entre outubro e dezembro de 2022. A explicação desse resultado está nos fatores já conhecidos como inflação elevada de bens essenciais, queda da renda real, endividamento das famílias, elevadas taxas de juros e desemprego ainda em níveis muito acima da média nacional. As atividades de maior peso que apresentaram crescimento no quarto trimestre foram *Combustíveis e lubrificantes* (17,8%), devido à redução dos preços dos combustíveis; *Hipermercados e supermercados* (1,2%) e *Artigos farmacêuticos e médicos* (2,1%%), compensando as quedas em outras atividades. Em 2022, a queda do setor varejista no primeiro semestre, de 4,0%, puxou para baixo o resultado do ano para -3,4%.

O setor de Serviços expandiu-se no quarto trimestre, embora com taxas mensais de crescimento mais modestas. Em comparação a igual trimestre de 2021, o setor de Serviços cresceu 4,7%. Essa é a sétima taxa positiva consecutiva nessa mesma base de comparação.

Quatro das cinco atividades que compõem a pesquisa alavancaram o volume de serviços, com destaque para as atividades de *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (9,4%) e *Outros serviços* (26,5%). Pelo crescimento muito expressivo nos últimos trimestres, a atividade *Serviços prestados às famílias* já apresenta taxas mais modestas de crescimento (2,9%).

Em 2022, o volume de serviços avançou 7,2% em relação a 2021. Nessa análise, três das cinco atividades impulsionaram a taxa para cima, com destaque para *Serviços prestados às famílias* (28,6%), seguidos pela atividade de *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (9,5%) e *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (3,8%).



As exportações baianas atingiram US\$ 13,91 bilhões em 2022, com alta de 40% ante 2021. Esse é o melhor resultado da série histórica do estado, superando o recorde do ano anterior de US\$ 10,94 bilhões. Também as compras do estado no exterior registraram recorde anual na série histórica que era de US\$ 9,29 bilhões em 2014.

A produção agrícola estimada pelo IBGE e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontou para o terceiro ano consecutivo de produção recorde de grãos no estado. A boa colheita, de um modo geral, está relacionada às condições climáticas e aos mercados favoráveis, apesar do aumento dos custos de produção e de alguma interferência climática negativa nas lavouras.

Para a Conab, a produção baiana de grãos superou 12,2 milhões de toneladas (t) na temporada 2021/2022, o que representou alta de 13,0% em relação ao ciclo 2020/2021. O IBGE, por sua vez, manteve a previsão de 11,4 milhões de t de cereais, oleaginosas e leguminosas produzidas na Bahia em 2022, o que representou um crescimento de 8,2% na comparação com a safra 2021.

O resultado reflete condições climáticas e de mercado favoráveis, apesar do aumento dos custos de produção. A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, o que se verificou em todos os principais cultivos (soja, milho, algodão e feijão).

No quarto trimestre, a geração de empregos sofreu os efeitos sazonais do mês de dezembro, que sempre apresenta saldo negativo. Em 2022 não foi diferente, com -5.334 empregos formais. Os resultados positivos dos três trimestres anteriores propiciaram a geração de 120.446 postos de trabalho com carteira assinada no ano. O saldo positivo decorre da diferença entre 872.895 admissões e 752.449 desligamentos. O resultado de 2022 foi inferior ao de 2021, quando 139.811 postos de trabalho foram criados, com as declarações fora do prazo. Portanto, em 2022, o estado passou a contar com 1.918.098 vínculos celetistas ativos, uma variação de 6,70% sobre o quantitativo de 2021.

Em 2022, o crescimento do emprego formal na Bahia foi observado em todas as cinco grandes atividades econômicas. O setor de Serviços, com 58.305 novas vagas, foi o principal destaque na geração de postos de trabalho no estado. Em seguida, em ordem decrescente de magnitude do saldo, vieram os setores de Indústria geral (19.923 vínculos), Construção (19.567 postos), Comércio; Reparação de veículos automotores e motocicletas (17.096 empregos). Na distribuição espacial do emprego no estado em 2022, destacou-se a abertura de postos de trabalho com carteira assinada na Região Metropolitana de

Salvador (RMS) (49.662 postos) e no interior (70.784 postos), correspondendo a 41,2% e 58,8% do total, respectivamente.

Evidentemente, a geração de empregos formais contribuiu para que a taxa de desemprego caísse de 15,1% em 2021 para 13,5% em 2022, uma redução de 1,6 ponto percentual. Essa foi a menor queda em sete anos, ou seja, desde 2015, quando tinha sido de 13,0%. No entanto, importante mencionar que a taxa ainda permanece bem acima do seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013, quando atingiu 9,1% da força de trabalho do estado.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao quarto trimestre de 2022 mostraram que os resultados positivos para a Agropecuária, as exportações e o setor de Serviços impactaram diretamente o PIB da Bahia, calculado pela SEI, embora em uma taxa menor que no terceiro semestre (3,2%), pela queda da indústria de transformação e da estabilidade no Comércio varejista.

O PIB do quarto trimestre cresceu 1,5% em relação ao mesmo trimestre de 2021. Na comparação com ajuste sazonal (quarto trimestre de 2022 em comparação com o terceiro de 2022), o resultado foi de -0,7%, evidenciando a queda no ritmo de crescimento da economia baiana. Setorialmente, na comparação com o quarto trimestre do ano passado, a Agropecuária cresceu 1,8%, os Serviços tiveram alta de 3,0% e a Indústria recuou 1,8%, devido à retração da indústria de transformação (5,8%).

No acumulado de 2022, o crescimento do PIB Bahia foi de 2,6%, abaixo do PIB Brasil (2,9%). Os três grandes setores registraram alta: Agropecuária (2,6%), Serviços (2,9%) e Indústria (2,0%). No acumulado do ano, essa expansão do PIB da Bahia alterou as expectativas, que ficaram menos otimistas para um desempenho em 2023, em razão de os cenários nacional e internacional apresentarem muitas incertezas econômicas e geopolíticas.

Com isso, as previsões para o PIB de 2023 estão na faixa entre 1,0% e 1,5%. A inflação em queda, a geração de empregos e a recuperação dos Serviços devem assegurar mais uma alta do PIB, porém, mais modesta que a do ano de 2022, diante de um desempenho negativo da Agropecuária.

# AGROPECUÁRIA

Pedro Marques de Santana  
*pedromarques@sei.ba.gov.br*

## Cenário Bahia

### Agricultura

A produção agrícola estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontou para o terceiro ano consecutivo de produção recorde de grãos no estado. A boa colheita, de um modo geral, está relacionada às condições climáticas e de mercado favoráveis, apesar do aumento dos custos de produção e de alguma interferência climática negativa nas lavouras. A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, o que se verificou em todos os principais cultivos pesquisados (soja, milho, algodão e feijão).

Para a Conab<sup>1</sup>, a produção baiana de grãos superou 12,2 milhões de toneladas (t) na temporada 2021/2022, o que representou alta de 13,0% em relação ao ciclo 2020/2021. O IBGE<sup>2</sup>, por sua vez, manteve a previsão de 11,4 milhões de t de cereais, oleaginosas e leguminosas<sup>3</sup> produzidas na Bahia em 2022, o que representou um crescimento de 8,2% na comparação com a safra 2021.

- 1 Os dados referem-se ao décimo segundolevanteamento divulgado pela Conab, cujo ano agrícola vai de outubro do ano anterior a setembro do ano corrente.
- 2 Refere-se ao nono levantamento divulgado pelo IBGE que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.
- 3 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

Gráfico 1

## Estimativas comparadas da safra de grãos – Bahia – 2022/2021



Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2022) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2023).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas.

A seguir, síntese dos resultados apresentados pelas instituições públicas oficiais que realizam estimativas de produção das principais lavouras do estado:

### Algodão

#### IBGE

A produção de algodão (caroço e pluma) obtida foi de 1,35 milhão de t, o que representou alta de 6,4% em relação a 2021. A área plantada com a fibra (290 mil ha) superou em 8,3% a do ano passado, demonstrando que houve uma maior disposição de investimento dos produtores diante da melhoria nas condições de mercado.

#### Conab

A produção de algodão alcançou 1,3 milhão de t no ciclo 2021/2022, o que representou uma expansão de 2,7% na comparação com o ciclo anterior. A área plantada (308 mil ha) superou em 15,2% a de 2020/2021.

### Soja

#### IBGE

O volume colhido da soja alcançou 7,2 milhões de t, 6,0% acima do verificado em 2021. Dessa forma, a safra da oleaginosa atingiu recorde pelo terceiro ano consecutivo. A área plantada no estado ficou projetada em 1,8 milhão de ha (7,2% superior ao observado em 2021).

### *Conab*

Para a soja, a Conab estimou uma safra de 7,4 milhões de t no ciclo que se encerrou, apontando um crescimento de 8,0%. No período, a área plantada teve expansão de 11,3%, o que totalizou cerca de 1,9 milhão de ha.

### **Milho**

#### *IBGE*

As duas safras anuais do milho somaram 2,84 milhões de t, o que representou crescimento de 13,6% na comparação anual. Com relação à área plantada (700 mil ha), o IBGE apontou uma expansão de 4,5% em relação à safra anterior.

A estimativa da primeira safra do cereal foi de 2,2 milhões de t, sendo 15,3% superior à de 2021. Por sua vez, a segunda safra (650 mil t) teve crescimento de 8,3% em relação à colheita do ano anterior.

### *Conab*

A produção 2021/2022 do milho totalizou 3,3 milhões de t, o que representa uma variação positiva de 22,5% na comparação com o ciclo anterior. A maior contribuição veio da colheita da primeira safra (2,09 milhões de t). Cumpre destacar o expressivo crescimento de 86,8% da safra de inverno (terceira safra), que ficou estimada em 1,07 milhão de t. A área total plantada com o cereal ficou estimada em 814 mil ha, com produtividade média de 4,1 t/ha na temporada atual.

### **Feijão**

#### *IBGE*

A lavoura do feijão totalizou 244 mil t, representando avanço de 28,9% na comparação com a safra de 2021. O levantamento manteve a estimativa de 417 mil ha plantados, a mesma observada no ano anterior. Estimou-se que a primeira safra da leguminosa (145,6 mil t) foi 41,3% superior à de 2021, bem como a segunda safra (98,3 mil t) que teve uma variação positiva de 14,1%, na mesma base de comparação.

### *Conab*

Com relação ao feijão, a área plantada total com a lavoura apresentou recuo de 4,0% em relação à safra anterior, ao passo que a produção foi 29,3% superior à que foi observada na mesma base de comparação. A produção de feijão, no estado, totalizou 284 mil t colhidas em 408 mil ha plantados.

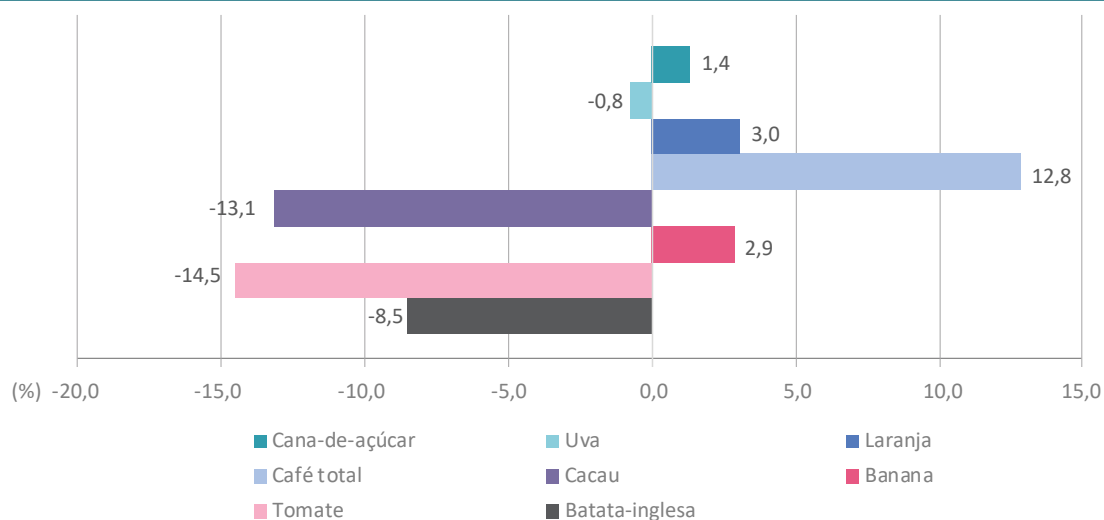
### Outras lavouras permanentes e temporárias

Com relação a outras culturas permanentes e temporárias relevantes no estado, merece destaque a recuperação da lavoura do café. De acordo com o IBGE, foram colhidas 234 mil t em 2022, crescendo 12,8% acima da observada em 2021. A safra do tipo arábica está projetada em 101,0 mil t, com variação anual positiva de 35,8%. Por sua vez, a safra do tipo canéfora ou conilon teve previsão de 133 mil t, mantendo o mesmo patamar do ano anterior.

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estimou produção de 5,6 milhões de t, alta de 1,4% em relação à safra 2021. A estimativa da produção do cacau ficou projetada em 126,1 mil t, o que representou uma queda de 13,1% na comparação com a do ano anterior.

#### GRÁFICO 2

#### Variação percentual anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias Bahia – 2022/2021



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2023).  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As estimativas para as lavouras de banana (904,3 mil t), laranja (653,5 mil t) e uva (60,8 mil t), por sua vez, registraram, respectivamente, variações de 2,9%, 3,0% e -0,8%, em relação à safra anterior.

O levantamento ainda indicou uma produção de 856,3 mil t de mandioca, 0,6% inferior à de 2021. A produção de batata-inglesa, estimada em 354 mil t, apresentou recuo de 8,5%; e a do tomate, estimada em 178 mil t, apontou queda de 14,5% na comparação com a do ano anterior.

## PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento

carlajanira@sei.ba.gov.br

O setor industrial brasileiro recuou no indicador da produção física (indústrias extrativa e de transformação) do quarto trimestre de 2022, com taxa de -0,5%, na comparação com o trimestre exatamente anterior à série com ajuste sazonal, pelo segundo trimestre consecutivo – no terceiro trimestre a taxa foi de -0,3%. Esse comportamento da indústria nacional reflete os efeitos da demanda doméstica fraca e o maior impacto da política monetária restritiva em curso. No ano de 2022, a indústria brasileira recuou 0,7%.

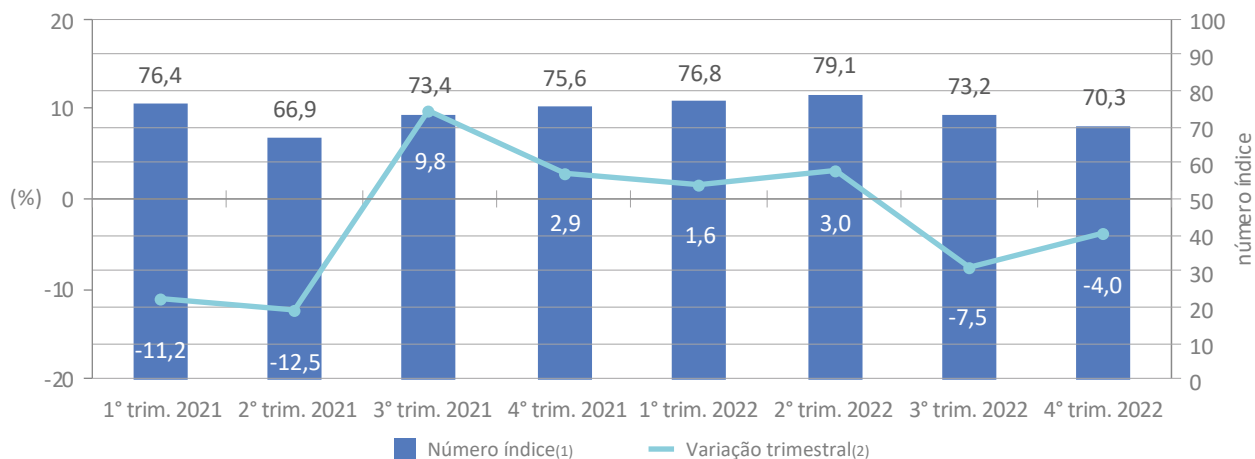
O arrefecimento na produção industrial do país no quarto trimestre é confirmado pela redução do nível de confiança dos empresários do setor, pois há uma percepção de novo enfraquecimento da demanda que se reflete no aumento do nível dos estoques. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getulio Vargas (FGV-IBRE) reduziu 6,4 pontos entre setembro e janeiro, para 93,1 pontos. Além disso, houve queda na utilização da capacidade instalada – que passou de 80,8% em setembro para 78,8% em janeiro – e os estoques aumentaram para 103,0 pontos.

A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física (indústrias extrativa e de transformação), repetiu a queda observada no terceiro trimestre de 2022 (-7,5%), registrando no quarto trimestre taxa de -4,0%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)<sup>1</sup>, ilustrados no Gráfico 1.

1 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2022. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim\\_pfr\\_2022\\_dez.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2022_dez.pdf). Acesso em: 10 fev.2023.

Gráfico 1

Produção física industrial (%) – Bahia – 1º trim. de 2021-4º trim. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Número índice ajustado sazonalmente.

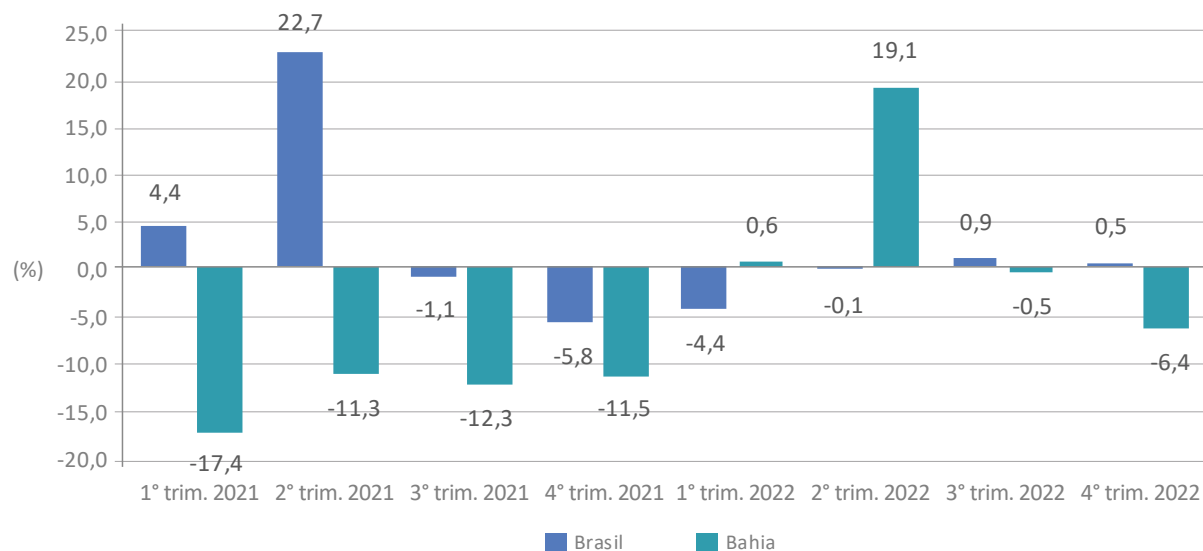
(2) Variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

Na comparação com igual período do ano anterior, a produção física da indústria baiana intensificou a queda em relação ao terceiro trimestre, saindo de -0,5% em 2021 para -6,4% em 2022. Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país aumentou 0,5%, após registrar avanço de 0,9% no trimestre anterior (Gráfico 2). O desempenho do setor nacional foi impulsionado por *Bens de consumo duráveis* (2,9%), especialmente pela maior produção de *Automóveis* (9,1%) no período.



Gráfico 2

## Produção física industrial - Brasil e Bahia – 1º trim. 2021-4º trim. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

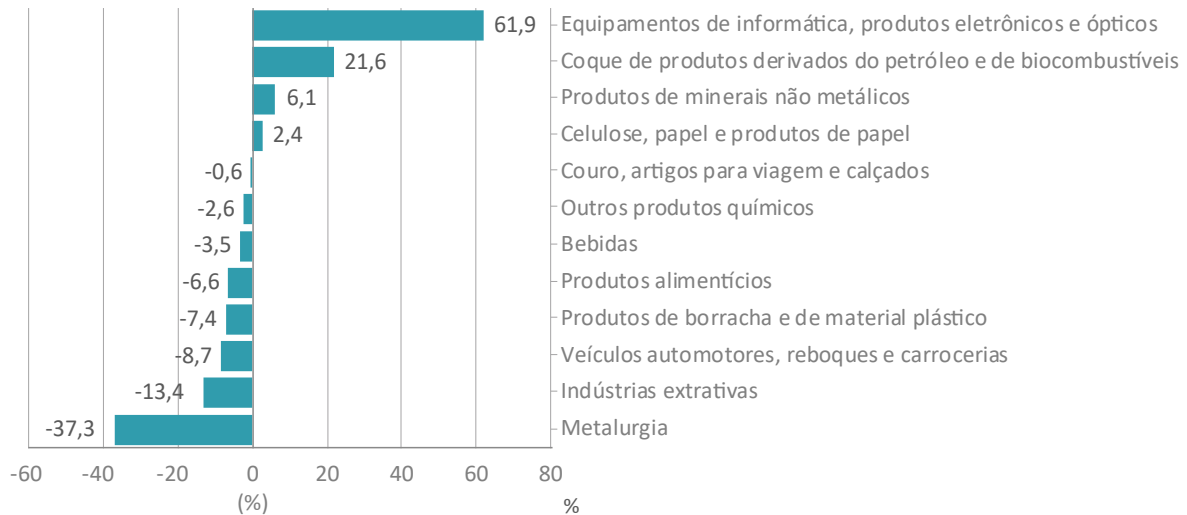
Nessa comparação, na indústria baiana, destacaram-se os recuos dos segmentos *Derivados de petróleo*, de 11,0% para -10,1%; *Produtos químicos*, de 2,6% para -10,0%; *Borracha e plástico*, de -1,3% para -7,1%; *Extrativas*, de -8,1% para -17,2%, e *Couros e calçados*, de -3,4% para -6,0%. Por sua vez, houve avanços em *Celulose e papel*, de -0,9% para 11,9%; *Alimentos*, de -17,3% para 3,6%, e *Bebidas*, de -3,4% para 0,6%.

Na análise dos segmentos da indústria baiana, no período de janeiro a dezembro de 2022, em comparação com o mesmo período do ano anterior, apesar de a maioria dos segmentos da indústria de transformação baiana apresentar taxas negativas, conforme dados ilustrados no Gráfico 3, houve aumento da produção industrial de transformação do estado no período, com taxa de 2,4%. O segmento *Derivados de petróleo* apresentou a maior contribuição para a taxa no acumulado do ano, com significativo aumento, já que tem importante participação (25,9%) no valor da transformação industrial<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Segundo dados do IBGE divulgados pela Pesquisa Industrial Anual de 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1849#resultado>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Gráfico 3

## Produção física da indústria por setores de atividade (%) – Bahia – Jan.-dez. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado positivo da indústria de transformação baiana tem-se, inicialmente, *Derivados de petróleo*. Em 2022, a produção expandiu 21,6%, com aumento no processamento de óleo combustível, óleo diesel, nafta para petroquímica e parafina.

O segmento *Celulose e papel*, impulsionado pela demanda robusta dos produtos e os preços preservados em patamares elevados, registrou aumento na produção de pasta química de madeira, caixas de papelão e papéis de impressão.

A produção de *Minerais não metálicos* cresceu 6,1% em 2022. No período, houve aumento, principalmente, na fabricação de cimentos Portland, elementos pré-fabricados para construção civil e massa de concreto. O bom desempenho da atividade ocorreu mesmo diante de um cenário desafiador com forte pressão dos custos dos insumos utilizados para o setor da Construção.

O segmento *equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos* registrou aumento de 61,9%, atribuído principalmente ao crescimento na produção de computadores pessoais de mesa e portáteis.

A principal contribuição negativa para o período veio do ramo *metalúrgico*, impactado, sobretudo pela transformação do cobre, com queda na produção de barras, perfis e vergalhões de cobre e de ligas de cobre.

A queda na indústria de *alimentos* foi atribuída, em especial, à menor produção de açúcar cristal e farinha de trigo. Esse segmento também reflete o ambiente macroeconômico interno com alta nos custos de matérias-primas, insumos e energia.

A indústria de *produtos químicos*, que recuou 2,6% no período, foi prejudicada pela menor produção de *bens químicos de uso industrial e fertilizantes (NPK)*.

Por sua vez, o segmento *Borracha e material plástico*, com queda de 7,4% no período, teve o desempenho influenciado, principalmente pela queda na produção de pneus novos para automóveis e caminhões, de embalagens plásticas e insumos para construção civil.

A indústria de *Bebidas* recuou em 3,5% no ano, impacto atribuído à redução na produção de cervejas e chopes. A ausência de festas populares influenciou o desempenho do ramo no ano.

O segmento *Veículos* registrou queda de 8,7% no período, imputado, principalmente, ao declínio na produção de peças e acessórios para veículos. O desempenho do grupo ainda refletiu o encerramento das atividades da indústria automotiva no estado, ocorrido em 2021.

Na indústria *calçadista*, a leve queda deu-se especialmente pela redução na produção de calçados, influenciada pela diminuição da demanda por esses produtos, decorrente da queda dos rendimentos no período. Mesmo com desempenho negativo, em 2022, foram criados 7.469 postos de trabalho, considerando-se apenas o segmento *produção de calçados* no estado.

Por fim, a indústria *extrativa* recuou 13,4% no ano, principalmente em decorrência do recuo na produção de óleos brutos de petróleo e gás natural.

Para 2023, o desempenho do setor industrial pode ser impactado pelo cenário incerto no ambiente internacional e pela expectativa de esfriamento da demanda externa, diante da desaceleração das principais economias do mundo. A inflação mundial, o conflito no Leste Europeu e o desaquecimento de grandes economias mundiais, caso dos Estados Unidos e da Zona do Euro, devem ser determinantes para a menor dinâmica de crescimento do setor. Contudo, a manutenção dos preços elevados das *commodities*, mesmo em queda mais recentemente, assegura o aumento das exportações do setor produtivo local.

## COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Brito  
elissandra@sei.ba.gov.br

O setor do Comércio varejista na Bahia ainda não retomou a sua trajetória de crescimento pré-pandemia. O indicador do volume de vendas do varejo nos anos que se seguiram ao reconhecimento da pandemia mostra quedas nas vendas na Bahia, contrariando o cenário nacional (Gráfico 1). Na passagem do ano de 2021 para 2022, observou-se uma intensificação na retração dos negócios no estado, quando não uma perda de ritmo, como a verificada no cenário nacional.

**Gráfico 1**  
Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – 2019-2022

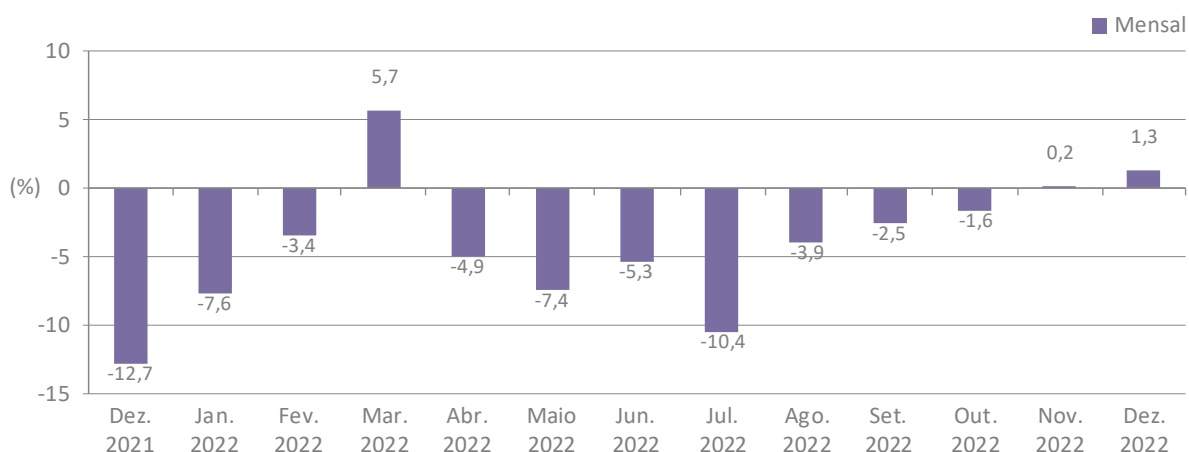


Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023).  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Em 2022, o endividamento das famílias, agravado pelos juros elevados, ofuscou os efeitos dos incentivos concedidos pelo governo federal, como a adoção do programa Auxílio Brasil, com transferência de valores maiores do que o Bolsa Família, e a estabilização nos índices de desemprego, assim como a percepção da deflação verificada nos meses de julho a setembro.

Os sucessivos resultados negativos verificados nas vendas do setor ao longo de 2022, com exceção dos meses de março, novembro e dezembro, resultaram na queda anual de 3,4% nas vendas (Gráfico 2).

**Gráfico 2**  
**Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – 2021-2022**



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2022).  
Elaboração: CAC/SEI.

Nesse ano, com o encarecimento do crédito, a atividade mais comprometida do varejo restrito<sup>1</sup> foi a de *Móveis e eletrodomésticos* (-21,2%) (Tabela1). Na Bahia, essa atividade registrou sucessivas quedas nas vendas, no período de julho de 2021 a outubro de 2022, interrompendo o ciclo negativo nos últimos dois meses do ano, em razão da influência da realização da Copa do Mundo, das promoções da Black Friday e da comemoração das festas de fim de ano.

<sup>1</sup> Não foram consideradas as atividades de *veículos, motos, partes e peças e de material de construção*.

**Tabela 1****Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – Acumulado do ano 2022(1)**

Atividade	(%)
<b>Comércio Varejista</b>	<b>-3,4</b>
1 - Combustíveis e lubrificantes	0,4
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-1,4
2.1 - Hipermercados e supermercados	-0,2
3 - Tecidos, vestuário e calçados	0
4 - Móveis e eletrodomésticos	-21,2
4.1 - Móveis	-28,1
4.2 - Eletrodomésticos	-18,7
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	8,8
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	11,4
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	9,6
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-8,0
<b>Comércio Varejista Ampliado (2)</b>	<b>-6,7</b>
9 - Veículos, motos, partes e peças	-15,0
10 - Material de construção	-5,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023).

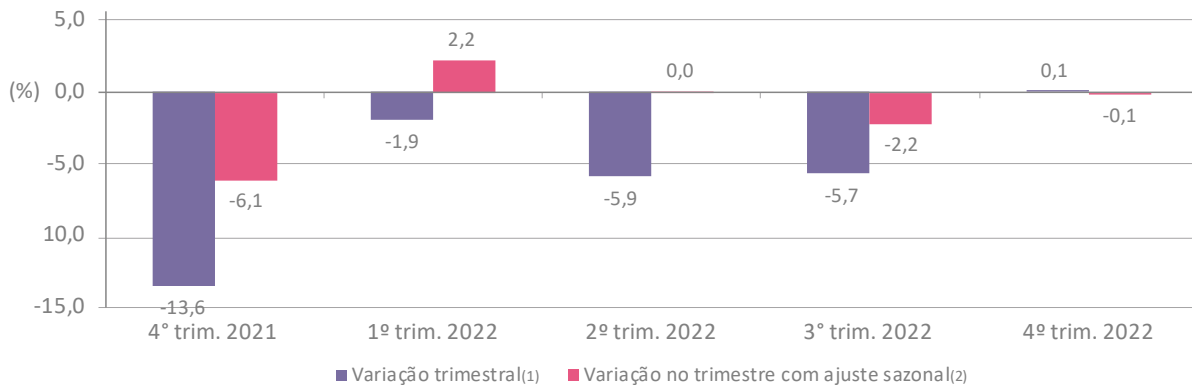
Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

Na análise trimestral, entretanto, observou-se estabilidade nas vendas do varejo, pois, no período de outubro a dezembro de 2022, além dos fatores citados anteriormente, houve a comemoração do Dia das Crianças, terceira melhor data para o setor. No quarto trimestre de 2022, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do Comércio varejista registrou a taxa de 0,1%, em relação ao igual trimestre do ano anterior (Gráfico 3). Nessa mesma base de comparação, o varejo nacional apresentou crescimento de 1,4%. Na análise sazonalizada, a Bahia e o Brasil registraram taxas negativas de 0,1% e 0,7%, respectivamente.

**Gráfico 3**

**Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – 4º trim. 2021-4º trim. 2022**



Fonte: IBGE -Pesquisa Mensal do Comércio (2022).

Elaboração: SEI/CAC.

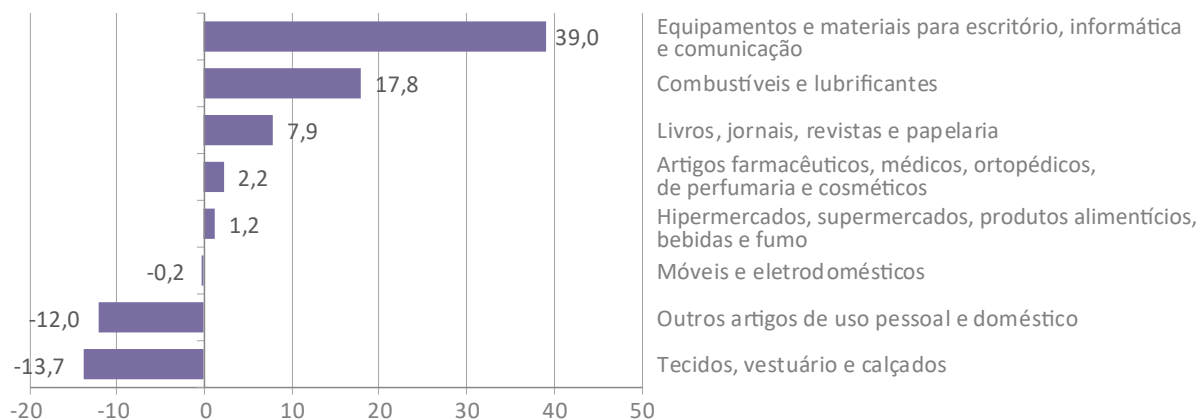
Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

Na série sem o ajuste sazonal, quando observado o desempenho dos oito segmentos que compõem o setor, constata-se que cinco registraram comportamento positivo no trimestre analisado: *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (39,0%), Combustíveis e lubrificantes (17,8%), Livros, jornais, revistas e papelaria (7,9%), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (2,2%), e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (1,2%)*. Já *Móveis e eletrodomésticos (-0,2%), Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-12,0%) e Tecidos, vestuário e calçados (-13,7%)* apresentaram retração nas vendas (Gráfico 4).

**Gráfico 4**

**Volume de vendas das atividades do comércio varejista(1) – Bahia – 4º trim. 2022**



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2022).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Dentre as variações positivas, chama a atenção o desempenho de *equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação*, bem como o de *Combustíveis e lubrificantes*. O crescimento das vendas do primeiro é atribuído à valorização do Real ante o Dólar, enquanto o segundo se deve ao comportamento dos preços de combustíveis influenciado pela política de redução de preços da gasolina, iniciada em julho de 2022.

*Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos e livros, jornais, revistas e papelaria* também expandiram as suas vendas no quarto trimestre. O comportamento do primeiro pode ser explicado pela busca por produtos que fortalecem a imunidade ter se tornado uma prática, uma vez que o vírus da covid-19 continua circulando no país. Enquanto o segundo reflete uma baixa base de comparação bem como o retorno gradativo à prática dos consumidores de presentear livros.

*Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do Comércio varejista, também registraram crescimento nas vendas, mas de forma mais suave. O seu desempenho é resultado do uso dos estímulos concedidos pelo governo para a compra de alimentos e da deflação verificada no período. No subgrupo *hipermercados e supermercados* houve expansão de 2,3% nas vendas, na mesma base de comparação.

Por sua vez, dentre as variações negativas, tem-se o comportamento dos segmentos *Tecidos, vestuário e calçados, Outros artigos de uso pessoal e doméstico* e *Móveis e eletrodomésticos*. O primeiro tem na elevação dos preços a principal explicação para o comportamento das suas vendas no período. O segundo, tradicionalmente responsável por comercializar bens de menor valor agregado e bastante influenciado pelo comprometimento da renda do consumidor, encontra no elevado endividamento um entrave para o seu negócio, pois, nessas condições, os gastos com bens considerados 'supérfluos' são suspensos.

Já o segmento *Móveis e eletrodomésticos*, bastante influenciado pela disponibilidade de crédito no mercado, tem no encarecimento deste o seu principal entrave. A estratégia do Banco Central de elevar a taxa de juros para controlar a inflação, associada ao comprometimento da renda do consumidor e ao aumento do endividamento das famílias, tem prejudicado as vendas nessa atividade, sendo registradas quedas consecutivas desde o mês de julho de 2021.

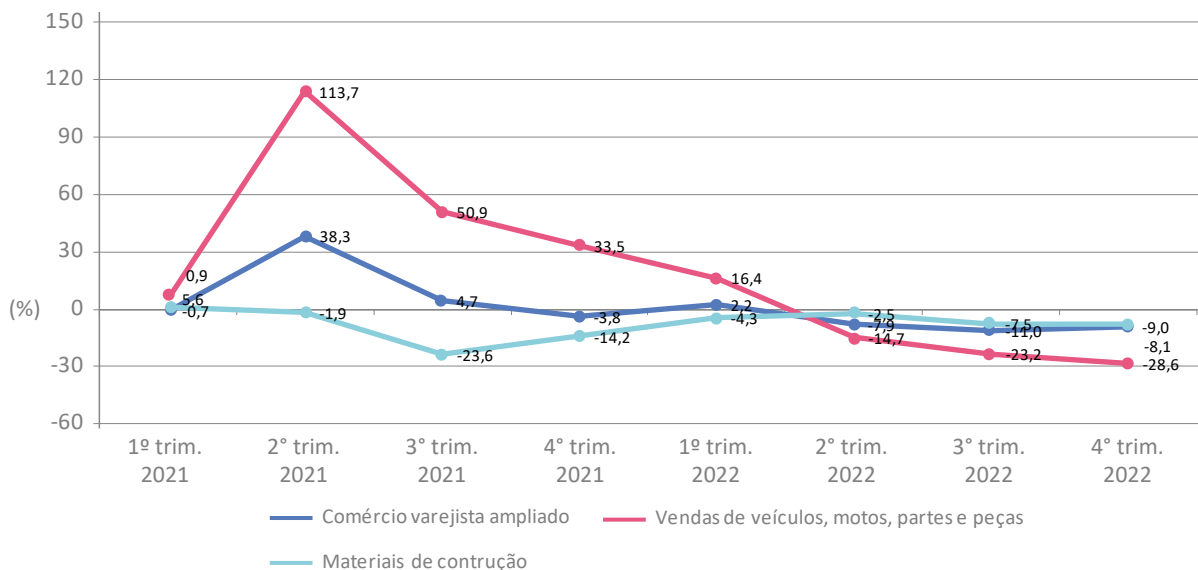
No que diz respeito ao Comércio varejista ampliado, que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças* e *Material de construção*, a retração no quarto trimestre foi de 9,0% em relação ao igual trimestre do ano anterior. Esse recuo nas vendas foi fortemente influenciado por *Veículos, motos, partes e peças*, que registrou recuo de 28,6%,



acompanhado de *Material de construção* (-8,1%) (Gráfico 5). Em igual comparação, as taxas no país foram negativas em 0,6%, 2,7% e 10,4% para o varejo ampliado, *Veículos, motos, partes e peças* e *Material de construção*, respectivamente.

Gráfico 5

Volume de vendas do comércio varejista ampliado – Bahia – 1º trim. 2021-4º trim. 2022



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2022).  
Elaboração: SEI/CAC.

O desempenho de *Veículos, motos, partes e peças* foi influenciado pelo encarecimento do crédito. Desde abril de 2022, a atividade apresenta taxas negativas nas suas vendas, levando o segmento a uma queda de 15,0% no acumulado do ano, em razão das incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica no país. Esse cenário resulta de uma política monetária restritiva que levou as instituições financeiras a restringirem a liberação de crédito, dada a iminente elevação da taxa de inadimplência.

Já no segmento de *Material de construção*, o recuo nas vendas foi verificado desde junho de 2022. Como resultado das variações negativas, essa atividade registrou queda de 8,1% no quarto trimestre e de 5,7% no ano. Esse desempenho foi resultado do comprometimento da renda e do elevado grau de endividamento das famílias, que acabaram levando o consumidor a adiar a intenção de realizar benfeitorias em seus imóveis.

Nesse aspecto, os dados apresentados pela PMC no último trimestre de 2022 revelam que o varejo baiano ainda enfrenta os impactos de uma política monetária restritiva, a qual mantém os juros altos e promove o encarecimento de crédito. Ainda que haja no mercado

expectativas em torno dos impactos das políticas a serem adotadas pelo novo governo eleito para estabilizar a atividade econômica do país, a exemplo do programa Litígio Zero, que tem a proposta de auxiliar brasileiros inadimplentes na renegociação das dívidas, as incertezas quanto ao comportamento do setor nos próximos meses ainda permanecem.

A piora na percepção sobre o mercado de trabalho e, sobretudo, a inflação gera um alerta quanto ao comportamento da economia nos próximos meses. De acordo com os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), a Bahia encerrou 16.349 postos de trabalhos com carteira assinada em dezembro de 2022, uma variação negativa de 0,85% sobre o quantitativo do mês anterior. Desde outubro de 2022, segundo o IBGE, os preços na Região Metropolitana de Salvador (RMS) voltam a pressionar o setor. Em janeiro de 2023, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou variação positiva de 1,09%, com destaque para o grupo *Transportes*, que registrou crescimento de 2,28%. Dessa forma, o cenário do Comércio varejista no primeiro trimestre de 2023 dependerá de como as medidas de incentivo do governo repercutirão na economia, e de qual será a direção tomada pela taxa de juros, a inflação e o mercado de trabalho.

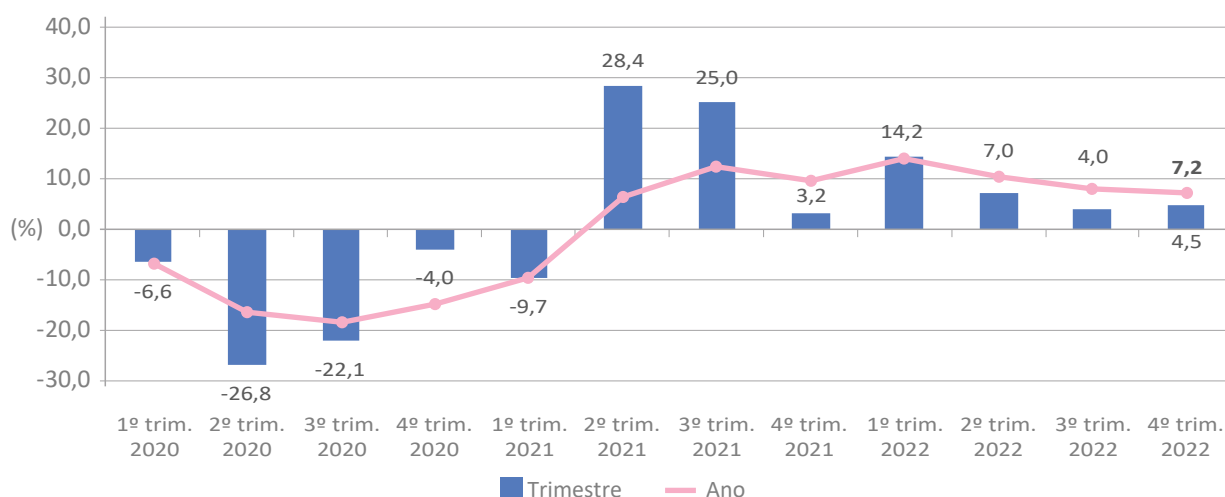
## SERVIÇOS

Rosângela Conceição  
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia no quarto trimestre de 2022, quando comparado com o mesmo trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 4,5%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (28,4%). Essa é a sétima taxa positiva consecutiva, para essa mesma base de comparação. A variação também contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 7,3% (Gráfico 1).

Gráfico 1

Volume de Serviços(1)(2) – Bahia – 1º trim.-4º trim. 2021/1º trim. 2022-4º trim. 2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nessa análise, quatro das cinco atividades impulsionaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade *Outros serviços*<sup>1</sup> (26,5%), que apontou a mais significativa variação positiva, seguida por *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio*

1 Inclui os seguintes serviços: atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.

(9,4%), *Serviços prestados às famílias*<sup>2</sup> (2,9%) e *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (1,2%). Apenas, a atividade *Serviços de informação e comunicação* (-3,3%) contabilizou queda.

O volume de serviços da Bahia, no acumulado do ano de 2022, avançou 7,2% em relação ao mesmo período do ano anterior, mantendo a tendência de expansão iniciada no segundo trimestre (6,6%) de 2021. Nessa análise, três das cinco atividades alavancaram o volume de serviços da Bahia, com destaque, em termos de variações importantes, para a atividade *Serviços prestados às famílias* (28,6%), que apontou a mais relevante variação positiva e a segunda variação positiva consecutiva, seguida por *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (9,5%), também com registro de variação positiva significativa e a segunda variação positiva consecutiva. A atividade *Serviços profissionais, administrativos e complementares* ampliou 3,8% e marcou a segunda variação positiva consecutiva. Por sua vez, a atividade *Outros serviços* manteve o comportamento de arrefecimento registrado nos anos anteriores e contabilizou taxa negativa de 3,2%. Enquanto isso, os *Serviços de informação e comunicação* desaceleraram e marcaram queda de 5,1%, contra ampliação de 0,3% em 2021.

Na comparação nacional, 26 unidades contribuíram positivamente para o resultado do volume nacional (7,3%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Amapá (18,9%), Alagoas (17,1%), Tocantins (14,1%), Mato Grosso (13,8%), Roraima (13,1%), Paraíba (12,1%), Rio Grande do Sul (11,3%) e Pernambuco (11,2%). Nessa comparação, a Bahia (7,2%) contabilizou a décima sexta variação positiva e o Distrito Federal (-1,6%) registrou a única queda.

Nessa análise, a receita nominal baiana seguiu o mesmo comportamento do volume e expandiu 17,2% com destaque, em termos de variações mais expressivas, para a atividade *Serviços prestados às famílias* (36,5%), que apontou a mais profunda variação positiva. Essa atividade também apresentou resultado significativo em relação aos anos anteriores, seguida por *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (23,9%), com a segunda variação positiva consecutiva. A atividade *Serviços profissionais, administrativos e complementares* ampliou 11,0% e também marcou a segunda variação positiva consecutiva. A atividade *Outros serviços* contabilizou taxa positiva de 4,5%, após cair 5,8% no ano anterior. Por

<sup>2</sup> Inclui os seguintes serviços: atividades artísticas, criativas e de espetáculos; atividades esportivas, de recreação e lazer (exceto clubes); lavanderias, tinturarias e toalheiros; cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza; atividades funerárias e serviços relacionados; outros serviços pessoais (clínicas de estética, serviços de alojamento, higiene e adestramento de animais domésticos, serviços de engraxates e carregadores de malas etc.); atividades de apoio à educação e serviços de educação continuada (cursos de idiomas, de ensino de esportes, arte e cultura, cursos preparatórios para concursos etc.).

sua vez, a de *Serviços de informação e comunicação*, após crescer 3,3% no ano anterior, desacelerou e caiu 2,4%.

Na comparação nacional, todas as unidades contribuíram positivamente no resultado da receita nominal nacional, que cresceu 15,5%. As maiores variações ocorreram no Amapá e Alagoas (28,0%), seguidas de Roraima (22,4%), Paraíba (22,1%) Pernambuco (21,8%) e Mato Grosso (21,3%). Nessa comparação, a Bahia (17,2%) contabilizou a décima segunda variação positiva mais expressiva entre as unidades da Federação, enquanto Distrito Federal e Rondônia (8,4%) registraram as variações menos consideráveis.

Conforme a Sondagem Empresarial da Fundação Getulio Vargas (FGV)<sup>3</sup>, pôde-se confirmar que, ao longo de 2022, a confiança do setor de Serviços alternou o ritmo. No primeiro trimestre, registrou queda que parecia vir associada à uma nova onda da pandemia. Com o maior controle da pandemia, a confiança avançou nos trimestres seguintes, com boa influência de *Serviços prestados às famílias* e do segmento *Transportes*, justamente os que tinham sido mais afetados com as restrições de circulação. No último trimestre do ano, a desaceleração aparece bastante disseminada entre os segmentos, devolvendo parte do que foi recuperado no meio do ano.

“A confiança do setor de serviços voltou a registrar queda em dezembro e encerra o último trimestre do ano devolvendo os ganhos obtidos no segundo e terceiro trimestres desse ano. A piora no mês foi influenciada pela percepção de desaceleração no ritmo dos serviços e piora das perspectivas sobre os próximos meses. Além disso, a disseminação entre os segmentos confirma esse momento mais negativo e sugere uma desaceleração da atividade que tende a se prolongar no início do próximo ano”, avaliou Rodolpho Tobler, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV IBRE). Com isso, a expectativa é de manutenção do crescimento para o setor nos próximos três meses de 2023, mas com uma taxa amenizada.

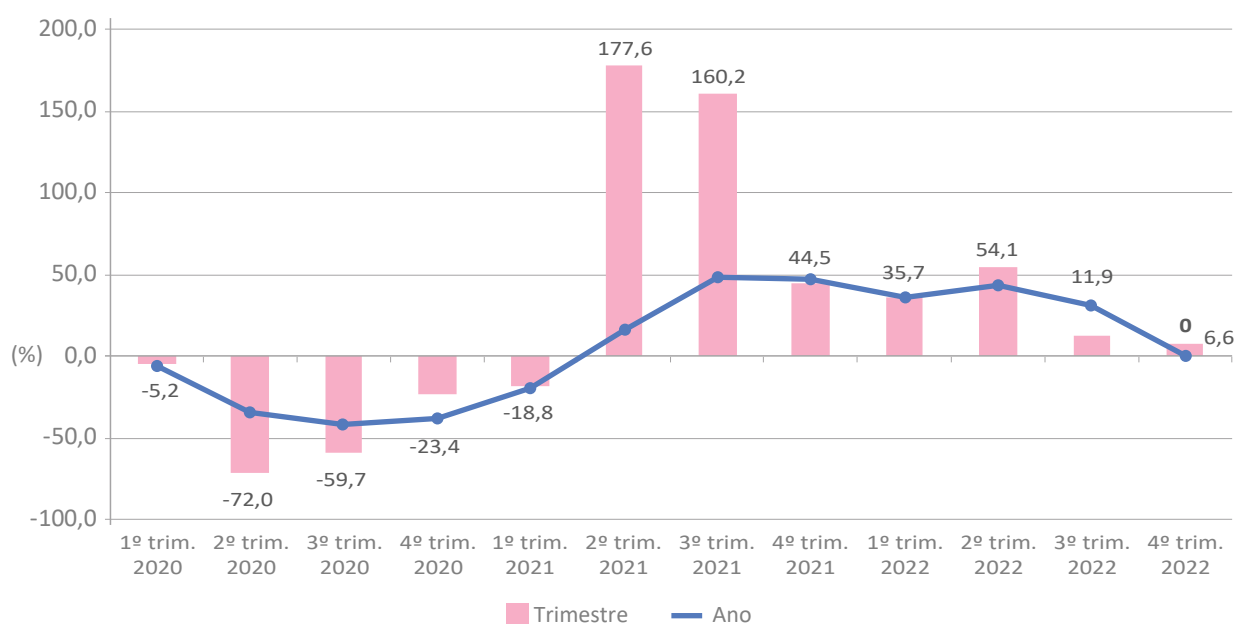
<sup>3</sup> SONDAGEM DE SERVIÇOS. RIO DE JANEIRO: FGV IBRE, dez. 2022. Disponível em: <[https://portalibre.fgv.br/system/files/2022-12/sondagem-de-servicos-fgv\\_press-release\\_dez22vnsml50\\_0.pdf](https://portalibre.fgv.br/system/files/2022-12/sondagem-de-servicos-fgv_press-release_dez22vnsml50_0.pdf)>. Acesso em: 23 fev. 2023.

## TURISMO

Rosângela Conceição  
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas<sup>1</sup> na Bahia, quando comparado com o quarto trimestre do ano anterior, marcou expansão de 6,6%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a sétima taxa positiva, para essa mesma base de comparação, e a sexta variação positiva mais expressiva de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2011 (Gráfico 1).

**Gráfico 1**  
**Volume das atividades turísticas(1)(2) – Bahia**  
**1º trim.-4º trim. 2021/1º trim. 2022-4º trim. 2022**



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

1 Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil expandiu 13,6% no acumulado do quarto trimestre, ante igual período do ano anterior. Onze dos 12 locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos de Minas Gerais (29,6%), São Paulo (17,2%), Santa Catarina (16,0%), Paraná (14,2%) e Ceará (13,9%). Nessa comparação, a Bahia (6,6%) apontou a segunda variação positiva menos expressiva entre os locais, e Pernambuco registrou queda de 0,5%.

Como mesmo desempenho, a receita nominal das atividades turísticas no Brasil expandiu 28,0% no acumulado do quarto trimestre de 2022, ante igual período do ano anterior. Todas as unidades marcaram o mesmo ritmo de crescimento, com destaque para Distrito Federal (37,0%), seguido por Minas Gerais (36,3%), São Paulo (33,7%), Santa Catarina (32,9%) e Paraná (28,5%). Nessa comparação, a Bahia (16,7%) apontou a terceira variação positiva menos expressiva e Pernambuco (15,4%), por sua vez, contabilizou a menor variação entre os locais investigados.

O volume das atividades turísticas na Bahia, no acumulado do ano de 2022, em relação ao mesmo período do ano anterior, expandiu 23,4%, após avançar 47,5% em 2021 na mesma base de comparação. Esse resultado é a segunda maior variação já registrada em toda série histórica iniciada em 2011 e contribuiu com o índice nacional, que avançou 29,9%, na mesma análise.

Na comparação nacional, todas as 12 unidades investigadas contribuíram positivamente no resultado do volume nacional (29,9%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Minas Gerais (49,4%), Ceará (36,7%), São Paulo (36,0%) e Rio Grande do Sul (35,8%). Nessa comparação, a Bahia (23,4%) apontou a oitava variação positiva mais relevante, e o Rio de Janeiro (16,1%), a menos relevante.

Com desempenho igualmente positivo, a receita nominal das atividades turísticas na Bahia, no acumulado do ano de 2022, em relação ao mesmo período do ano anterior, ampliou 42,4%. Esse resultado contribuiu como resultado nacional, que expandiu 48,2% na mesma análise. As variações mais significativas em termos regionais ocorreram em Minas Gerais (58,6%), seguido por São Paulo (56,2%), Ceará (54,2%), Distrito Federal (54,1%) e Rio Grande do Sul (53,8%). Nessa comparação, a Bahia (42,4%) apontou a nona variação positiva mais expressiva, e o Rio de Janeiro (31,7%), a variação menos expressiva entre os locais.

Seguindo a mesma tendência do volume e da receita nominal das atividades turísticas, confirmando o bom desempenho do setor no quarto trimestre de 2022, o setor de turismo na Bahia incorporou 3.874 novos postos de trabalho com carteira assinada, decorrente da diferença entre 15.587 admissões e 11.713 desligamentos. Essas informações são do

Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, e sistematizadas pela SEI. Tal resultado, mesmo relevante, revelou-se menor do que o de um ano antes, já que o saldo, no conjunto dos meses de outubro a dezembro de 2021, havia indicado o surgimento de 8.073 novos empregos celetistas naquele intervalo. A maioria dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo<sup>2</sup> – um total de 17 exatamente – exibiu saldo positivo. No referido intervalo, os maiores saldos despontaram em *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (+2.044 postos), *Hotéis e similares* (+1.187 vagas) e *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal, interestadual e internacional* (+348 postos).

No acumulado de janeiro a dezembro de 2022, o saldo de empregos formais do setor de Turismo do estado da Bahia também se revelou positivo, indicando uma geração líquida de 9.736 postos de trabalho, decorrentes de 59.393 admissões e 49.657 desligamentos. Um cenário, portanto, menos favorável do que o observado nos 12 meses de 2021, quando o referido setor havia registrado um resultado de 13.075 novas vagas em território baiano.

Dos 27 subsetores econômicos do turismo local, 23 deles geraram postos de trabalho no acumulado do ano de 2022. No caso, *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas*, *Hotéis e similares* e *Locação de automóveis sem condutor* foram os de maiores expansões, com, respectivamente, mais 4.353, 1.427 e 1.315 novos vínculos formais. Enquanto isso, *Concessionárias de rodovias, pontes, túneis e serviços relacionados* (-22 postos), *Atividades de jardins botânicos, zoológicos, parques nacionais, reservas ecológicas e áreas de proteção ambiental* (-1 vaga) e *Atividades de museus e de exploração, restauração artística e conservação de lugares e prédios históricos e atrações similares* (-1 vínculo) foram os segmentos que demitiram mais do que admitiram, com os menores saldos no mencionado período.

O índice foi impulsionado, principalmente, pelo aumento na receita de empresas que atuam nos ramos de transporte aéreo de passageiros; restaurantes; hotéis; locação de automóveis; transporte rodoviário coletivo de passageiros; e serviços de bufê, contribuindo para atração e movimentação de turistas no estado. A ampliação das rotas de voos, a atração dos grandes congressos, o fomento ao empreendedorismo, a redução da informalidade e o aumento da competitividade dos destinos turísticos foram ações do governo do estado que contribuíram positivamente para o resultado significativo do turismo na Bahia. Com isso, a expectativa é de manutenção do crescimento para o setor nos próximos três meses do ano de 2023, com uma taxa ainda mais expressiva.

<sup>2</sup> Referem-se às classes CNAE 2.0 considerando todos os municípios da Bahia, não apenas os das zonas turísticas.



## COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior  
[arthurcruz@sei.ba.gov.br](mailto:arthurcruz@sei.ba.gov.br)

Henrique Rocha Reis  
[henriquereis@sei.ba.gov.br](mailto:henriquereis@sei.ba.gov.br)

O mundo está envolvido em uma megacrise que inclui a pandemia de covid-19, a guerra entre Rússia e Ucrânia, a inflação alta, os temores de recessão e o aumento dos problemas com dívidas nos mercados emergentes e países em desenvolvimento.

De acordo com as previsões mais recentes do Banco Mundial, o crescimento da economia global deve desacelerar, alcançando apenas 1,7% – uma queda drástica em relação aos 2,9% estimados para 2022 –, influenciado, em parte, pela política monetária restritiva para conter as pressões inflacionárias. Ainda de acordo com o Banco Mundial, “considerando a fragilidade das condições econômicas, qualquer novo acontecimento desfavorável poderia levar a economia global à recessão. Pela primeira vez em mais de 80 anos haveria duas recessões globais na mesma década”.

Ao longo de 2022, a economia global manteve um cenário desafiador. A pressão inflacionária na maior parte das regiões, o conflito entre a Ucrânia e a Rússia, as interrupções na cadeia de suprimentos, os remanescentes casos de covid-19 e a desaceleração nas principais economias do mundo, entre outros aspectos, contribuíram para a redução da taxa de crescimento global, de 6,0%, em 2021, para 3,2%, em 2022, conforme previsão do Fundo Monetário Internacional (FMI)<sup>1</sup>.

A guerra da Rússia na Ucrânia, ainda em curso, que desencadeou a crise energética e acentuou ainda mais a pressão inflacionária, aumentou o desafio das políticas monetárias. Os maiores impactos econômicos ocorreram nos mercados de grãos, combustíveis e fertilizantes. Além do choque nos preços de *commodities*, o conflito na Europa também causou impacto negativo sobre a confiança e as condições financeiras, reduzindo o crescimento global.

A economia mundial parece estar em transição rumo a uma era mais complicada, na qual os juros serão mais altos, as tensões geopolíticas maiores e as incertezas mais acentuadas. Para 2023, as previsões indicam um ano difícil para boa parte da economia global. Os principais motores do crescimento mundial – Estados Unidos, Europa e China – passam por um enfraquecimento da atividade e estão todos desacelerando simultaneamente.

1 INTERNATIONAL MONETARY FUND. Countering the cost-of-living crisis. Washington, DC: IMF, Oct. 2022. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2022/10/11/world-economic-outlook-october-2022>. Acesso em: 10 nov. 2022.

Pela primeira vez em 40 anos, o crescimento da China em 2023 deverá ser igual ou inferior ao crescimento global. Medidas de controle à covid-19 e a depressão do mercado imobiliário limitaram o desempenho do país asiático. O FMI prevê expansões não superiores a 4% até o fim da década.

Essa mudança iminente de uma forte desaceleração no crescimento de longo prazo da China, que por décadas ajudou a impulsionar a economia mundial, alimenta as incertezas.

De acordo com o Banco Mundial, o crescimento nas economias avançadas deverá desacelerar de 2,5% em 2022 para 0,5% em 2023. Nos Estados Unidos, o crescimento deverá cair para 0,5% em 2023 – 1,9 ponto percentual (p.p.) abaixo das previsões anteriores e o desempenho mais fraco fora das recessões oficiais desde 1970. Em 2023, o crescimento da Zona do Euro é projetado em 0% – uma revisão para baixo de 1,9 p.p.. Na China, o crescimento projetado é de 4,3% em 2023 – 0,9 p.p. abaixo das previsões anteriores. Com exceção da China, a expectativa é que o crescimento nos mercados emergentes e nas economias em desenvolvimento desacelere de 3,8% em 2022 para 2,7% em 2023, o que reflete uma demanda externa significativamente menor, agravada pela inflação alta, a depreciação da moeda, as condições mais restritivas de financiamento e outros obstáculos domésticos. Para o Brasil, o Banco Mundial prevê crescimento de 0,8% em 2023.

Essas previsões chegam no momento em que muitos investidores estão um pouco mais otimistas com a capacidade do Federal Reserve (Fed), banco central americano, de controlar a inflação, ainda elevada, sem provocar uma recessão. O fato de a maioria dos analistas não ter previsto que haveria uma inflação persistente como resultado da pandemia gerou muita reflexão e questionamentos das suposições feitas a partir de simulações econômicas de computador que têm guiado as medidas governamentais há anos.

Mas, recentemente, após o Fórum Econômico Mundial em Davos, autoridades e líderes empresariais adotaram uma perspectiva mais otimista, e o FMI indicou que em breve revisará para cima as previsões para o crescimento mundial.

Já a expectativa de que a Zona do Euro poderá escapar de uma recessão mostra a forte virada no sentimento econômico mundial neste início de ano. Agora a expectativa é de que a região registre um crescimento de 0,1% ao longo de 2023. Isso se deve aos preços mais baixos da energia, ao auxílio enorme dos governos e à reabertura da economia chinesa antes do que se previa.

A forte queda recente dos preços do gás no atacado, que os levou de volta aos níveis em que estavam antes da guerra no Leste Europeu, também ajudou a impulsionar as perspectivas

econômicas. No dia 18 de janeiro de 2023, o JPMorgan elevou para 0,5% sua previsão para o Produto Interno Bruto (PIB) da Zona do Euro em 2023, depois de avaliar que os preços do gás natural ficariam em torno de 76 euros por megawatt-hora, e não em 155 euros, conforme previsão anterior.

Ao falar em Davos, em janeiro, a presidente do Banco Central Europeu (BCE), Christine Lagarde, disse que o prognóstico econômico parece “muito melhor” do que o quadro que se temia. A vice-diretora-gerente do FMI, Gita Gopinath, afirmou que a decisão tomada pela China no mês passado de relaxar as restrições de combate à covid-19 foi uma das razões que levaram o Fundo a ficar mais otimista.

Há, porém, opiniões – de economistas que esperam uma recessão – defendendo que, mesmo que a desaceleração não seja tão profunda como se acreditava, a economia da Zona do Euro ainda se contrairá por dois trimestres consecutivos, o que atende à definição técnica de recessão.

No Brasil, o PIB do terceiro trimestre de 2022 confirmou os sinais de desaceleração da atividade econômica, após um primeiro semestre de expansão alavancado pelo setor de Serviços, que representa cerca de 70% do PIB do país. Por sua vez, o mercado de trabalho continua aquecido no Brasil, conforme os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), que apontam a criação de empregos formais também nos meses de outubro e novembro, embora nesse último mês haja a indicação de uma perda de força nesse movimento.

O consenso é que a economia brasileira tenha desacelerado ao longo do segundo semestre em virtude dos efeitos do processo de restrição monetária conduzido pelo Banco Central, da guerra da Rússia na Ucrânia e pelas contenções diante de uma possível terceira onda da pandemia de covid-19. Ao longo do quarto trimestre de 2022, os resultados das pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontaram para uma redução do ritmo de crescimento dos principais setores da atividade econômica.

O Brasil obteve em 2022 o melhor resultado da história para a balança comercial – o país exportou US\$ 62,31 bilhões a mais do que importou, o maior superávit desde o início da série histórica, em 1989. Um dos indicadores da economia com previsões mais dispersas para este ano é a balança comercial. A mediana está em US\$ 60 bilhões e, se prevalecer, o saldo ficará abaixo do superávit do ano passado, que surpreendeu por ter sido obtido em um ambiente conturbado pelo conflito no Leste Europeu – o que tumultuou o mercado de combustíveis, de *commodities* agrícolas e de fertilizantes –, pela política de Covid Zero da China e pela volatilidade no câmbio.

Para exportadores e importadores, se o Brasil perdeu em alguns aspectos, ganhou em outros, especialmente em consequência da estirada dos preços de alguns dos principais produtos da pauta de exportações. Os preços dos produtos exportados, que totalizaram US\$ 334,5 bilhões, subiram em média 13,6% em 2022, enquanto a quantidade aumentou 5,5% em relação a 2021.

A estratégia da China para o enfrentamento da pandemia é outra variável importante, uma vez que é o principal parceiro comercial do Brasil. A política de Covid Zero afetou as atividades chinesas e as relações do país com o exterior. Há a expectativa de que o afrouxamento dessa política deva estimular a economia chinesa e impulsionar as exportações brasileiras, mas isso ainda é incerto. A balança comercial chinesa já mostrou melhora nas importações em dezembro, que diminuíram menos do que em novembro.

Como pontuado anteriormente, outra interrogação que dificulta as projeções é o comportamento da economia global, com as políticas monetárias restritivas para controlar a inflação. Os organismos internacionais já reduziram as estimativas de crescimento para 2023.

Regiões comprometidas com políticas monetárias restritivas para conter a inflação estão entre importantes parceiros comerciais do Brasil. As exportações para os Estados Unidos, por exemplo, cresceram 20,2% no ano passado, e as importações, 30,3%. O comércio com a União Europeia saltou 39,1% na ponta das exportações e 15,7% das importações.

Mesmo quem aposta em um superávit da balança comercial brasileira superior ao registrado em 2022 não espera o aumento dos volumes exportados. Para a Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), alinhada entre os mais otimistas, com expectativa de saldo acima de US\$ 70 bilhões, o superávit maior seria resultado da queda da exportação em percentual menor do que o da importação. O resultado, portanto, não contribuiria necessariamente, para o aumento da atividade econômica no país.

**Tabela 1**  
**Balança comercial – Bahia – Jan./dez. 2021/2022**

Discriminação	2021	2022	Var. %
Exportações	9.944.648	13.910.474	39,88
Importações	8.053.546	11.354.900	40,99
Saldo	1.891.102	2.555.574	35,14
Corrente de comércio	17.998.193	25.265.374	40,38

Fonte: ME/Secint/Secex/Sitec, dados coletados em 06/01/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

As exportações baianas atingiram US\$ 13,91 bilhões em 2022, com alta de 40% ante 2021. Esse é o melhor resultado da série histórica do estado, superando o recorde anterior de US\$ 10,94 bilhões em 2011. Em dezembro, as vendas externas alcançaram US\$ 1,0 bilhão, com incremento de 30,8% em comparação ao igual mês do ano anterior.

Já as importações chegaram a US\$ 11,35 bilhões em 2022, alta de 41% na mesma comparação. Também as compras do estado no exterior registraram recorde anual na série histórica, que era de US\$ 9,29 bilhões em 2014. Em dezembro de 2022, as importações alcançaram US\$ 834 milhões, com queda de 17,6% no comparativo interanual.

O ano foi marcado pela valorização das *commodities*, provocada principalmente pelo aumento do consumo global após a pior fase da pandemia de covid-19, e pela guerra no Leste Europeu. Apesar de a balança comercial ter sido impactada pelo encarecimento de itens importados da Rússia e da Argentina, como fertilizantes e trigo, a Bahia beneficiou-se da valorização do petróleo e seus derivados no mercado internacional, com o setor liderando as vendas externas do estado depois de quatro anos consecutivos encabeçados pela soja e seus derivados. No ano passado, o estado também tirou proveito da safra recorde de grãos, quando colheu 11,4 milhões de toneladas, o que também representou o melhor resultado da série histórica.

Esse resultado das exportações baianas no ano foi obtido principalmente das *commodities*, mesmo com o declínio mais recente dos preços, devido à desaceleração do crescimento da economia mundial.

Esse comportamento fica evidenciado no quarto trimestre de 2022, quando os preços médios dos produtos exportados pela Bahia tiveram redução de 8,5% em relação aos preços médios praticados no trimestre imediatamente anterior, e queda de 8,7% em relação ao quarto trimestre de 2021. O volume embarcado (quantum) também recuou 4,3% ante o trimestre anterior. Já em relação ao quarto trimestre de 2021, subiu 38,1%.

Os preços médios de exportação, que experimentaram uma leve alta em novembro após três meses de queda, voltaram a apresentar recuo em dezembro. No último mês do ano, registrou-se uma queda média de -3,2% em comparação com novembro e uma diminuição mais significativa de -7,4% em relação a dezembro de 2021. À medida que a base de comparação se eleva, o que acontece a partir do terceiro trimestre de 2022, a queda também vai-se acentuando.

Custos mais altos e valorização do Real ante o Dólar contribuíram para tirar parte da margem de ganho do exportador, agravado pela já citada redução média dos preços desde novembro, em comparação ao igual período do ano passado.

Parte importante do desempenho das exportações baianas em 2022, no comparativo com 2021, é explicado pelos preços, principalmente os dos segmentos líderes (*derivados de petróleo, soja e químicos*), num movimento que vem desde 2021. Os preços médios de exportação avançaram 11,3% em 2022, após alta de 30,6% em 2021. O volume embarcado também subiu, em taxas ainda maiores em 2022, de 25,6%, ante uma queda de 2,7% em 2021. A alta de preços resultou dos impactos aos quais a economia e também o comércio global foram submetidos no período, primeiramente pelos efeitos da pandemia de covid-19 e, depois, pela guerra entre Rússia e Ucrânia.

**Tabela 2**  
**Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-Dez. 2021/2022**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022			
Petróleo e derivados	1.228.816	3.851.892	213,46	27,69	40,50
Soja e derivados	2.434.099	3.420.500	40,52	24,59	25,57
Químicos e petroquímicos	1.316.829	1.516.306	15,15	10,90	16,98
Papel e celulose	1.028.041	1.232.379	19,88	8,86	13,10
Algodão e seus subprodutos	608.698	708.712	16,43	5,09	20,64
Minerais	747.425	660.532	-11,63	4,75	14,99
Metais preciosos	539.055	567.750	5,32	4,08	21,32
Metalúrgicos	637.119	528.741	-17,01	3,80	-8,67
Café e especiarias	189.949	246.324	29,68	1,77	51,36
Cacau e derivados	224.805	196.374	-12,65	1,41	1,70
Borracha e suas obras	155.134	190.497	22,80	1,37	21,39
Frutas e suas preparações	208.587	190.323	-8,76	1,37	-1,39
Demais segmentos	626.091	600.143	-4,14	4,31	-7,50
<b>Total</b>	<b>9.944.648</b>	<b>13.910.474</b>	<b>39,88</b>	<b>100,00</b>	<b>11,33</b>

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 10/04/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>  
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Ao mesmo tempo, no decorrer de 2022, houve, no mercado doméstico, um início de normalização do consumo das famílias, caracterizado por maior preferência por serviços em detrimento de bens, num quadro diverso ao que marcou o pico da crise sanitária, em 2021. Para 2023, o que se espera no comércio global é um ajuste de preços médios, com queda nos valores dos grãos e minérios, itens importantes na exportação baiana, o que deve pressionar para baixo o valor embarcado.

O que pode mudar o quadro é a reação da economia chinesa no decorrer de 2023, com as novas medidas anunciadas, principalmente de flexibilização na política de Covid Zero, o que poderia contrabalançar um pouco o efeito negativo dos preços. O quadro atual tende a levar a balança comercial do estado para um superávit comercial menor em 2023, mas ainda robusto e acima dos US\$ 2 bilhões.

O maior impacto positivo sobre as exportações decorreu da alta dos volumes embarcados, que teve aumento de 25,6%, enquanto os preços internacionais, mesmo com perda de força, também contribuíram positivamente, crescendo 11,3% em média. Do lado das importações, a quantidade comprada subiu 11,4%, já o preço saltou 26,6%.

Essa tendência de queda nos termos de troca se configurou de forma mais consistente no segundo semestre, com a desaceleração da economia mundial, dos gargalos logísticos e de receios em relação à oferta de certos insumos, como petróleo, adubos e fertilizantes, que, ainda assim, continuaram a desembarcar de forma crescente, mas com preços bem mais altos.

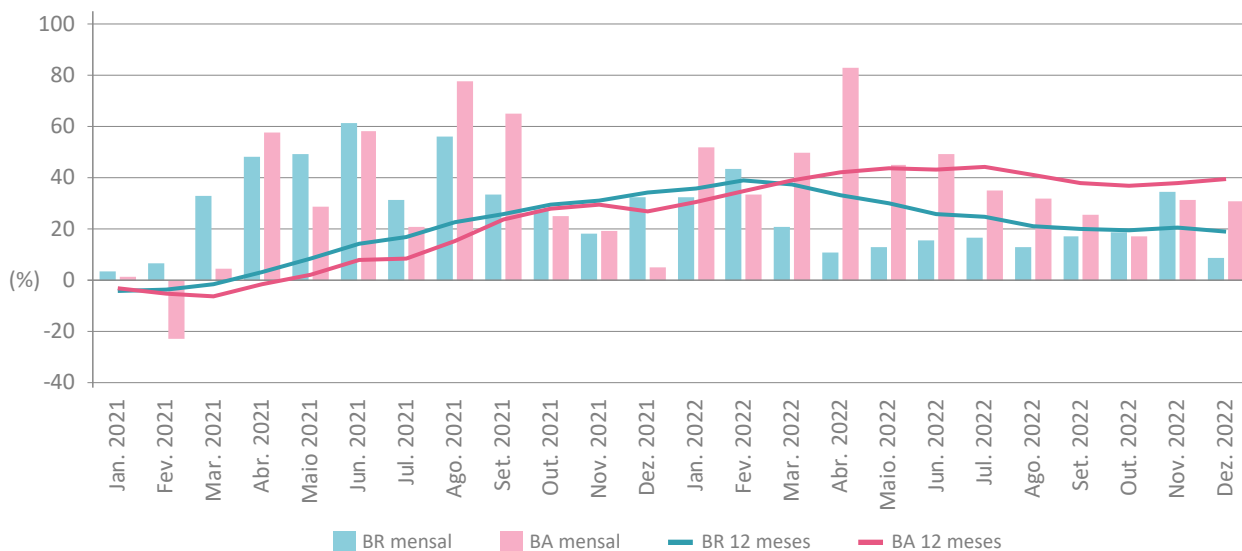
Assim, o desempenho das importações superou, em crescimento, o das exportações, sendo que o preço foi um fator determinante para esse avanço em 2022. Além disso, houve aumento do valor importado em todas as categorias no ano passado, formadas por bens de capital, intermediários, consumo e combustíveis.

Em relação às exportações, o segmento com maior crescimento no ano passado foi o *Derivados de petróleo*, com incremento de 213,5%, seguido por *Soja e seus derivados*, com aumento de 40,5%. Em ambos os casos esse crescimento é atribuído principalmente ao aumento nos níveis do preço.

No acumulado de 2022, as exportações da Indústria de transformação, alavancadas pelo refino, cresceram 60,8%. A Agropecuária teve avanço de 28,6% e, no caso da Indústria extrativa, houve queda de 4,5% relacionada à redução na produção de cobre e derivados, como também à baixa acentuada dos preços médios do minério de ferro em decorrência da desaceleração mundial, principalmente da China, maior parceiro comercial do Brasil.

Gráfico 1

## Variação (%) do Comércio Exterior – Exportações – Bahia/Brasil – 2021-2022



Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/01/2023.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Registrou-se um aumento no valor das exportações para os principais parceiros comerciais da Bahia em 2022. Os países asiáticos lideraram os mercados de destino, com 46,7% de participação no total de vendas do ano, impulsionados pela China que, pelo décimo terceiro ano consecutivo, lidera a lista de maior comprador de produtos baianos, com incremento de 18,5%. Seguem-se União Europeia (50,8%); Singapura (97,4%) e Argentina (53,2%). A exceção foram os Estados Unidos, que acusaram redução de 7,6% nas compras provenientes da Bahia.

Singapura permanece na segunda posição como maior importador de produtos do estado, devido ao crescimento vertiginoso nas exportações baianas de *Petróleo e derivados* no período, que representaram 99% das vendas ao país asiático. O país respondeu por 15% das exportações do estado no período, desbancando os Estados Unidos que, há alguns anos, ocupa a segunda posição como maior destino para as exportações baianas.

## IMPORTAÇÃO

As importações totais da Bahia somaram US\$ 11,35 bilhões em 2022, com crescimento de 41% em relação ao ano passado, alcançando recorde histórico ao ultrapassar o valor de 2014, de US\$ 9,3 bilhões, o maior obtido pelas compras estaduais até então.



Houve aumento de 17% nas compras de *Bens intermediários* e participação de 62,2%; na categoria *Combustíveis*, o avanço foi de 175,3% e, nos *Bens de capital*, ocorreu um crescimento tímido de apenas 0,5%. No segmento *Bens de consumo* houve queda de 13,4%.

Esse aumento expressivo nas importações de combustíveis foi devido à alta das cotações, principalmente com a guerra no Leste Europeu, devido as compras inéditas de óleos brutos de petróleo no valor de US\$ 1,52 bilhão de Gás Natural Liquefeito (GNL), necessária para o suprimento de usinas térmicas no primeiro semestre, como pelo incremento de 25,2%, nas compras de nafta para a petroquímica, de 100% nas de gasolina e de 112% nas de querosene.

O desempenho registrado pelas importações baianas em 2022, em relação a 2021, deveu-se tanto ao aumento do *quantum*, que registrou alta de 11,4%, como também aos preços, em escala ainda maior: 26,6%. O aumento na cotação internacional do barril de petróleo, ocorrido com maior intensidade no primeiro semestre, na esteira do conflito entre a Ucrânia e a Rússia, as interrupções na cadeia de suprimentos, os remanescentes casos de covid-19, a escassez de navios e o conseqüente aumento do frete marítimo, entre outros aspectos, contribuíram para a alta dos preços médios em diversos setores.

Em 2022 foi observada uma grande influência no aumento das importações de *Bens da indústria química, excluídos os farmacêuticos*, com a forte compra externa de *fertilizantes*. Há nisso uma questão estrutural, porque o estado tem despontado como forte produtor agrícola e dependente da importação desses insumos. Mas houve também a questão do preço, que afetou a importação de *Derivados de petróleo*, sob os efeitos do conflito entre Rússia e Ucrânia.

As compras externas no ano permaneceram impulsionadas pelos *Bens intermediários* (incluindo a nafta), com participação de 62,1% do total das compras do estado em 2021. Seguido pelos *combustíveis* com 31,8% e incremento recorde de 175,3%, tanto pelo cenário externo quanto pela ocorrência de parada para manutenção e interrupções no segmento de refino capitaneado pela empresa Acelen, além dos fertilizantes com incremento de 129,7%, todos os resultados comparados ao igual período de 2021.

**Tabela 3**  
**Importações baianas por categorias de uso – Jan.-dez. 2021/2022**

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	6.039.178	7.057.558	16,86	62,15
Combustíveis e Lubrificantes	1.310.475	3.607.250	175,26	31,77
Bens de Capital (BK)	483.427	485.803	0,49	4,28
Bens de Consumo (BC)	220.461	190.817	-13,45	1,68
Bens não especificados anteriormente	4.352	13.472	209,55	0,12
<b>Total</b>	<b>8.053.546</b>	<b>11.354.900</b>	<b>40,99</b>	<b>100,00</b>

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 06/01/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

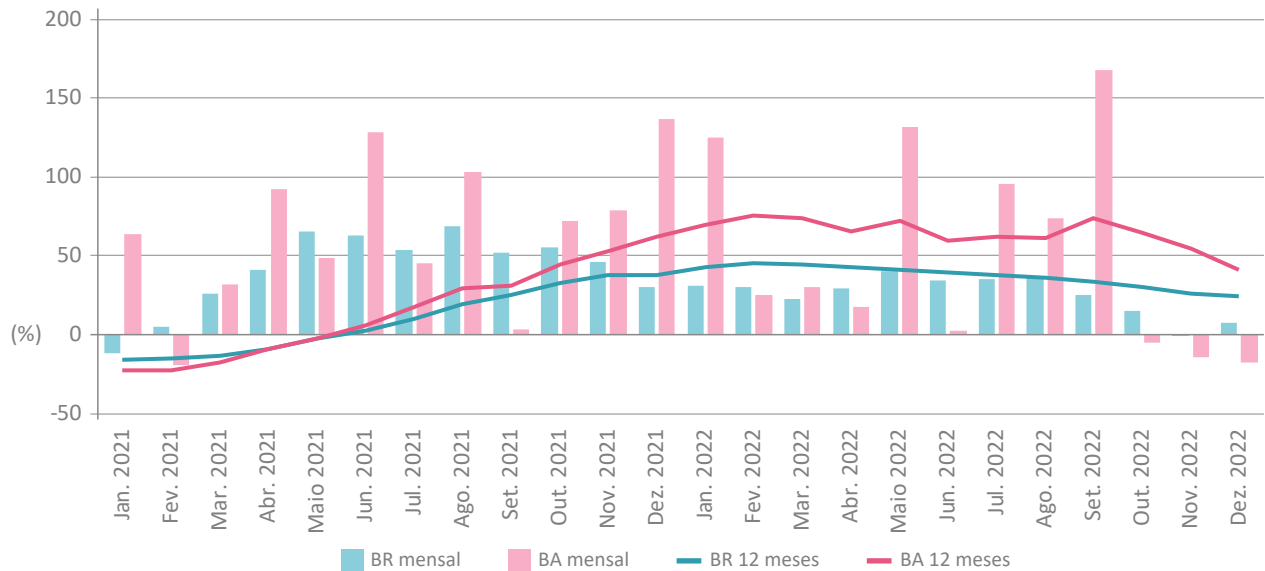
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

O crescimento dos *Bens intermediários*, que lideram as importações estaduais no ano, com US\$ 7,1 bilhões, alcançou 17%. Destacam-se os fertilizantes, nafta, trigo, minério de cobre, células fotovoltaicas montadas em módulos ou em painéis e máquinas, partes, peças e equipamentos.

Os *Bens de capital*, que consistem em máquinas e equipamentos para investimentos em ampliação ou implantação de unidades produtivas, tiveram crescimento modesto de apenas 0,5% no ano, demonstrando o momento de instabilidade e de pouca atratividade para investimentos no país.

Por fim, os principais fornecedores de bens para a Bahia em 2022 foram os Estados Unidos, com crescimento de 42% e participação de 33,3%; União Europeia, China e Angola (esse último devido às compras de petróleo cru feitas pela Acelen).

**Gráfico 2**  
**Variação (%) do Comércio Exterior – Importações – Bahia/Brasil – 2021-2022**



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 06/01/2023.  
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.

O nível de importação no ano passado mostra que os desembarques devem acomodar-se em níveis mais elevados que o esperado, em função da política de produção e preços da Acelen, bem como da expansão da produção agrícola que exige maior quantidade no consumo de fertilizantes, que continua em alta no mercado internacional.

Apesar de o ritmo de crescimento das importações estar acima do das exportações no ano, há riscos para esse avanço, já que se prevê uma desaceleração no crescimento tanto da economia mundial como da brasileira, o que leva as empresas a reduzirem seu ritmo de compras e de produção.

Em 2022, o saldo comercial do estado atingiu US\$ 2,56 bilhões, 35,1% maior que em 2021. Por sua vez, a corrente de comércio, soma de exportações e importações e principal indicador da dinâmica do comércio exterior, alcançou US\$ 25,26 bilhões, alta de 40,4% no comparativo interanual, o maior valor da série histórica.

## FINANÇAS PÚBLICAS

João Gabriel Vieira  
[joaovieira@sei.ba.gov.br](mailto:joaovieira@sei.ba.gov.br)

Poliana Peixinho  
[poliana@sei.ba.gov.br](mailto:poliana@sei.ba.gov.br)

Marília Jane Campos  
[mariliajane@sei.ba.gov.br](mailto:mariliajane@sei.ba.gov.br)

Dados do Monitor Fiscal do Fundo Monetário Internacional (FMI), para o mês de outubro, indicam que o aumento da inflação e das taxas de juros suplantou mais de uma década de inflação silenciosa a baixa taxas de juros em muitos países. As preocupações com a recessão e as tensões geopolíticas aumentam ainda mais à medida que a invasão da Ucrânia pela Rússia persiste.

Os *trade-offs* da política fiscal estão aumentando, especialmente para países altamente endividados, em que as respostas à pandemia de covid-19 esgotaram seu espaço fiscal. As famílias estão lutando contra elevados preços de alimentos e de energia, o que aumenta o risco de agitação social. Em 2021 e 2022, os déficits fiscais caíram acentuadamente nas economias de mercado avançadas e emergentes, mas continuam maiores do que os níveis pré-pandêmicos em todos os grupos de renda.

A contração do déficit médio das economias avançadas e emergentes (excluindo a China) é significativa, sendo um reflexo dos desdobramentos da pandemia e das medidas implementadas em meio ao aumento da inflação. Além disso, muitos exportadores de petróleo estão obtendo superávits fiscais por causa da alta do preço do insumo. Por sua vez, projeta-se que o déficit da China aumente em 2022 à medida que o crescimento desacelera e a inflação permanece baixa. Para países em desenvolvimento e de baixa renda, que tiveram uma resposta fiscal branda à pandemia, o déficit médio manteve-se relativamente estável. Em comparação com 2019, os maiores déficits em economias avançadas e países em desenvolvimento de baixa renda resultam, em parte, de gastos mais elevados do que os contraídos anteriormente em três anos. Pode-se atribuir esse aumento nas despesas às respostas necessárias às crises alimentar e energética. Por sua vez, no contexto das economias de mercado emergentes, o déficit decorre principalmente das receitas que ainda não foram completamente recuperadas.

No Brasil, o desempenho da economia encerrou o ano de 2022 com aumento de 2,9%, na comparação anual. Os números setoriais sinalizam que a Indústria recuou 0,7%, o Comércio cresceu 1% e os Serviços 8,3%. As contas do governo central evoluíram de forma positiva ao longo de 2022, resultando em superávit primário de R\$ 57,1 bilhões no ano, a preços de dezembro de 2022, correspondente a cerca de 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Esse resultado representou o primeiro superávit primário do governo central desde 2013. A melhora gradual do resultado primário, observada a partir de 2017, originou-se tanto pela contenção da razão despesa/PIB quanto pela recuperação da razão receita líquida/PIB. Após o ano atípico de 2020, esses movimentos se intensificaram em 2021 e 2022, sob o impacto de uma combinação de fatores que impulsionaram as receitas e/ou limitaram o crescimento real das despesas – em particular, o arrefecimento da pandemia, a expansão de receitas não administradas e a elevada inflação.

No estado da Bahia, a economia cresceu 2,8%, com destaque para o setor de Serviços. No caso do desempenho do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), houve um aumento de R\$ 2,3 bilhões na passagem do ano de 2021 para 2022. Já o Fundo de Participação dos Estados (FPE) registrou, no mesmo período, um crescimento de R\$ 2,6 bilhões.

## PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos  
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Carol Vieira  
carolvieira@sei.ba.gov.br

Denis Veloso  
dveloso@sei.ba.gov.br

### PIB baiano cresce 2,6% no ano de 2022

O quarto trimestre cresce 1,5% e o sazonal tem queda de 0,7%

Segundo dados da Coordenação de Contas Regionais da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 1,5% no quarto trimestre de 2022, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Já na comparação do quarto trimestre de 2022 com o terceiro trimestre do mesmo ano – ajuste sazonal, houve retração de 0,7%. No acumulado do ano (janeiro a dezembro), comparado com igual período de 2021, a economia baiana fechou com alta de 2,6%.

**Tabela 1**  
**PIB trimestral – Bahia – 2022(1)**

Períodos	Taxas (%)
4º tri 2022/4º tri 2021	1,5
4º tri 2022/3º tri 2022 (sazonal)	-0,7
Acumulado em 2022 (janeiro a dezembro)	2,6

Fonte: SEI. Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.  
Nota: (1) Dados sujeitos a retificação.

### PIB em Valor Corrente

No quarto trimestre de 2022, o PIB baiano totalizou R\$ 94,1 bilhões, sendo aproximadamente R\$ 83,5 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA) e R\$ 10,6 bilhões, aos impostos. No que se refere aos grandes setores, a Agropecuária apresentou VA de R\$ 3,3 bilhões, a Indústria, de R\$ 22,6 bilhões, e os Serviços, de R\$ 57,6 bilhões.

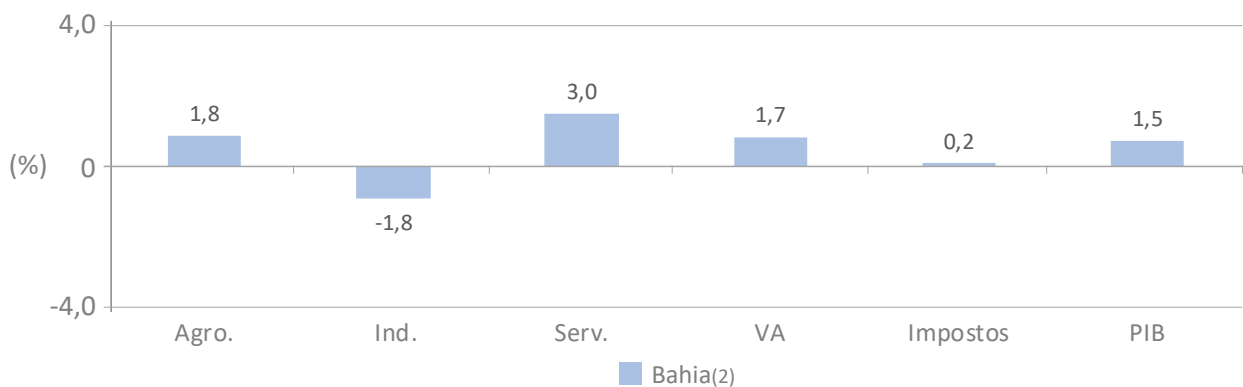
Em 2022, o PIB da Bahia totalizou R\$ 401 bilhões, sendo R\$ 356,8 bilhões referentes ao VA e R\$ 44,2 bilhões, aos impostos. O VA dos grandes setores ficou distribuído da seguinte forma: Agropecuária (R\$ 45,1 bilhões); Indústria (R\$ 86,5 bilhões) e Serviços (R\$ 225,2 bilhões).

#### 4º Trimestre 2022/4º Trimestre 2021

Quando comparado ao igual período do ano anterior, o PIB da Bahia apresentou expansão de 1,5% no quarto trimestre de 2022, conforme cálculos da equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado (VA) apresentou variação positiva de 1,7%, e os impostos sobre produtos líquidos de subsídios, alta de 0,2%. Dois setores registraram expansão: Agropecuária, com taxa positiva de 1,8%, e Serviços, com alta de 3,0%. A retração ficou por conta do setor industrial, com taxa de -1,8%.

**Gráfico 1**

**Variação dos setores do Produto Interno Bruto – Bahia – 4º trim. 2022(1)**



Fonte: SEI (2023).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

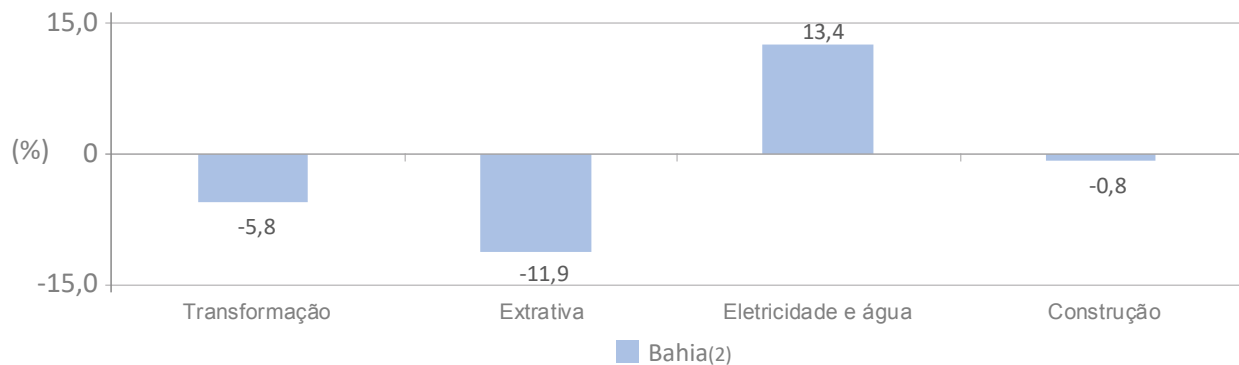
Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O crescimento do setor agropecuário baiano no quarto trimestre do ano foi de 1,8%, com destaque para o incremento na produção pecuária. Já o conjunto das atividades agrícolas, apesar de ter pouca representatividade nesse período, contribuiu negativamente para o desempenho do setor.

O setor industrial da Bahia registrou variação negativa de -1,8% no quarto trimestre, sendo o único grande setor com retração, que foi determinada pelo desempenho negativo dos segmentos *Indústria de transformação* (-5,8%), *Indústrias extrativas* (-11,9%) e *Construção civil* (-0,8%). A atividade *Produção e distribuição de eletricidade e água* foi a única com desempenho positivo, registrando alta de 13,4%, o que contribuiu para reduzir a queda do setor.

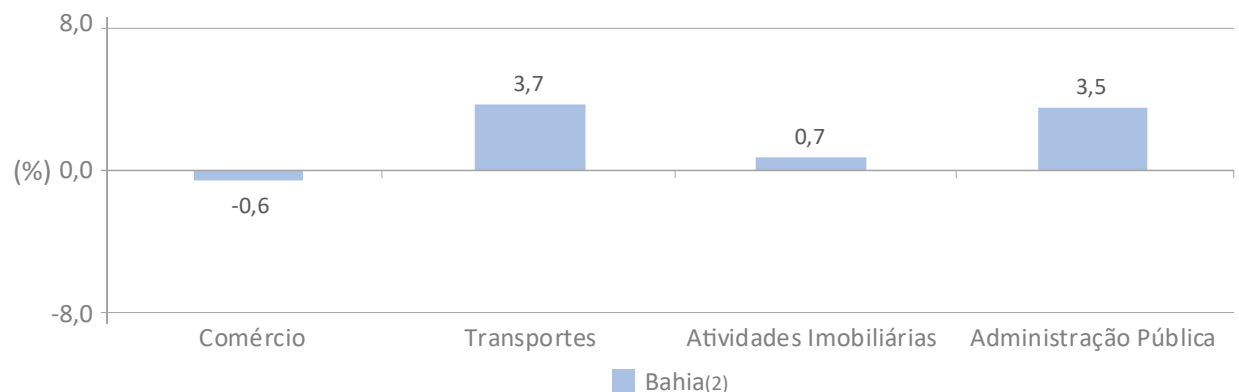
**Gráfico 2**  
**Variação das atividades da Indústria – Bahia – 4º trim. 2022(1)**



Fonte: SEI (2023).  
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.  
 Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.  
 (2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de Serviços registrou expansão de 3,0%, favorecido pelo bom desempenho dos segmentos *Administração pública* (+3,5%) – atividade com maior peso na economia baiana –, *Transportes* (+3,7%) e *Atividades imobiliárias* (+0,7%). Já as atividades comerciais registraram desempenho negativo (-0,6%) no último trimestre de 2022. Por fim, destaca-se ainda o crescimento do grupo *Outros Serviços*,<sup>1</sup> com expansão de 5,4% no mesmo período.

**Gráfico 3**  
**Variação das atividades de Serviços – Bahia/Brasil – 4º trim. 2022(1)**



Fonte: SEI (2023).  
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.  
 Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.  
 (2) Dados sujeitos a retificação.

<sup>1</sup> Outros Serviços englobam as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços Domésticos.

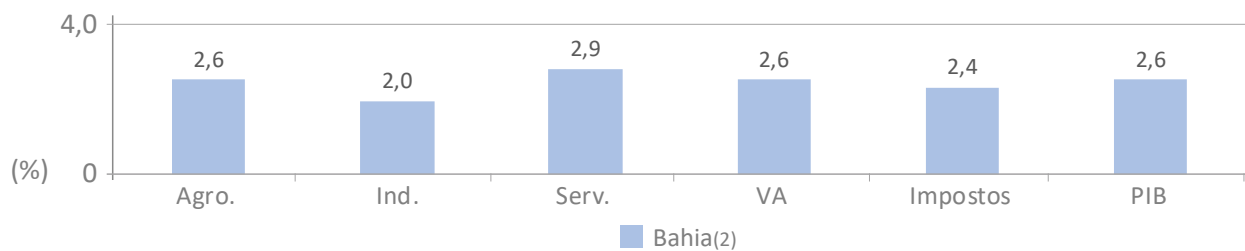


### Acumulado no ano (janeiro a dezembro - 2022)

O Produto Interno Bruto (PIB) baiano acumulado de janeiro a dezembro de 2022 registrou expansão de 2,6% (diante do alcançado no mesmo período de 2021), o Valor Adicionado (VA), 2,6%, e os Impostos, 2,4%. A Agropecuária variou com alta de 2,6%, a Indústria cresceu 2,0% e os Serviços, 2,9%.

**Gráfico 4**

#### Variação dos setores do Produto Interno Bruto – Bahia – Acumulado em 2022(1)



Fonte: SEI (2023).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

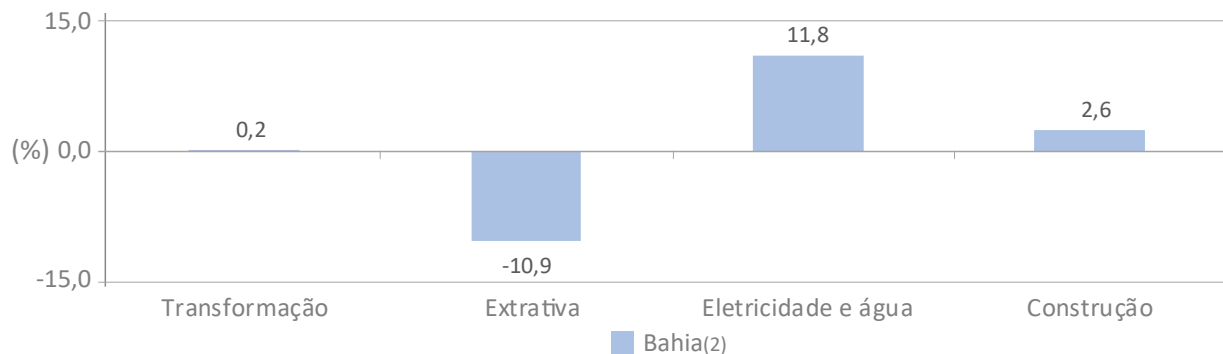
Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O VA do setor agropecuário cresceu 2,6% no acumulado do ano, ante o mesmo período do ano anterior, resultado do desempenho positivo tanto da pecuária, quanto da agricultura, com destaque para a expansão na produção de grãos, feijão, café, milho e soja.

O setor industrial da Bahia cresceu 2,0% no acumulado de 2022. Com exceção da *Extrativa mineral* que recuou 10,9%, todas as demais atividades do setor registraram expansão. A de maior peso no setor, *indústria de transformação*, fechou o ano com expansão de 0,2%; *Construção civil* cresceu 2,6%, e *Produção e distribuição de Eletricidade e água* registrou o melhor desempenho, com expansão de 11,8%.

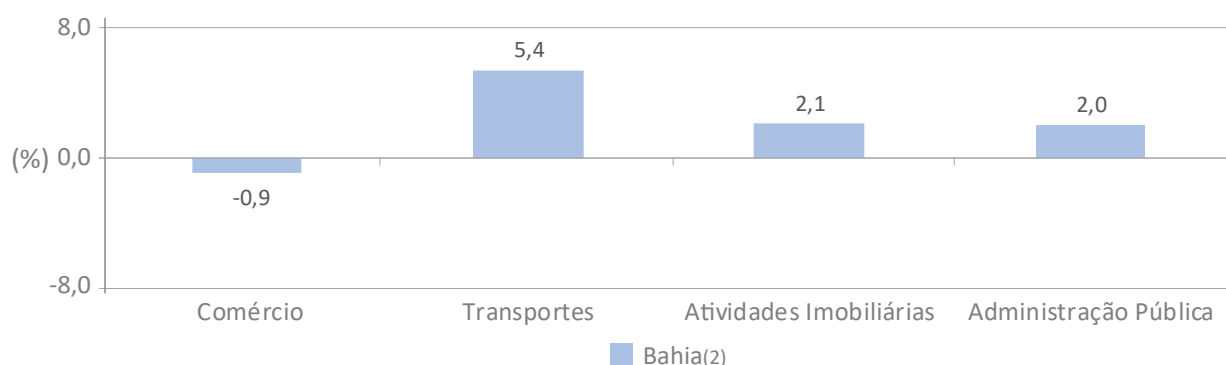
**Gráfico 5**  
**Variação das atividades da Indústria – Bahia – Acumulado em 2022(1)**



Fonte: SEI (2023).  
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.  
 Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.  
 (2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de Serviços baiano registrou alta de 2,9% em 2022, favorecido pelo avanço de três atividades que compõem o setor: *Administração pública* (+2,0%), com maior peso na economia baiana; *Atividades imobiliárias*, com crescimento de 2,1%, e *Transportes* (+5,4%). Destaca-se, ainda, o crescimento das atividades que englobam *Outros Serviços*, com expansão de 5,9% no acumulado de janeiro a dezembro de 2022. O VA do *Comércio* foi o único a registrar queda (-0,9%).

**Gráfico 6**  
**Variação das atividades de Serviços – Bahia – Acumulado em 2022(1)**



Fonte: SEI (2023).  
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.  
 Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.  
 (2) Dados sujeitos a retificação.

## MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo  
luizlobo@sei.ba.gov.br

Ao final de 2022, o mercado de trabalho continuou seguindo uma rota de recuperação. O cenário de desequilíbrio e adversidade ocasionado pela disseminação da covid-19, tanto nacional quanto globalmente, durante mais uma fase de restrições e incertezas, parece efetivamente superado. Entretanto, salienta-se que a superação desse contexto não implica necessariamente ausência de desafios. A despeito de relativas melhorias, o ambiente ainda suscita preocupações, diante de certa perda de fôlego do mercado de trabalho, apontada por alguns indicadores recentemente. Não se pode perder de vista que alguns indicadores ainda mostram um panorama complicado. Enfim, resta saber se o dinamismo econômico se dará em magnitude suficiente para servir de retaguarda aos progressos consistentes no mercado de trabalho. Para o curto prazo, as expectativas ainda se mostram favoráveis, no entanto, em relação ao médio e longo prazo, as incertezas vêm ganhando corpo. O mercado de trabalho baiano foi avaliado com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADContínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com os dados do Caged, de outubro a dezembro de 2022, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no estado encolheu, eliminando 5.334 postos de trabalho. Ao fim do quarto trimestre, portanto, a Bahia passou a contar com 1.918.098 vínculos celetistas ativos, uma elevação de aproximadamente 6,70% sobre o quantitativo de 1.797.652 do início do ano (estoque de referência) – ou seja, 120.446 novos postos de trabalho foram criados nos 12 meses de 2021. Dessa forma, mesmo com o fechamento líquido de vagas no último trimestre, o estado encerrou o ano com um desempenho favorável em termos de geração de vagas formais. De acordo com o Caged, trata-se do terceiro melhor resultado anual desde o ano de 2006 pelo menos<sup>2</sup>. Em 2022, portanto, a Bahia concentrou 27,30% e 4,49% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – dispondo, assim, do maior volume de empregos formais do Nordeste e do sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

- <sup>1</sup> Desde o início de 2020, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, vem-se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes. Em breve, no entanto, o eSocial será a única fonte de dados a alimentar o sistema Caged.
- <sup>2</sup> Dada a natureza distinta de captação das informações decorrente da implantação do eSocial e a maior cobertura (com a incorporação de outros tipos de vínculos não declarados ao Caged), as comparações com dados de anos anteriores ao de 2020 devem ser realizadas com cautela (ou seja, compreendendo-se que a comparabilidade não se mostra ideal). Informações adicionais em <http://pdet.mte.gov.br/o-que-e-novo-caged>.

Com o resultado mais recente, saldo negativo de 5.334 postos, a Bahia interrompeu uma trajetória de nove trimestres seguidos com expansão do nível de emprego formal, ou seja, o estado não registrava perda líquida em um trimestre desde o segundo trimestre de 2020, quando se enfrentavam os graves desdobramentos da pandemia de covid-19 em território brasileiro. Em relação aos trimestres de referência, o saldo atual revelou-se menor, já que a ocupação com carteira assinada havia incorporado 47.020 e 23.155 novos vínculos no trimestre imediatamente antecedente e no de um ano antes, respectivamente. Além do mais, o quarto trimestre de 2022 registrou o menor saldo no estado para o mesmo período desde 2019.

A dinâmica com mais desligamentos do que admissões foi apurada em somente um dos meses do quarto trimestre de 2022 na Bahia. O mês de dezembro, como de costume, exibiu saldo negativo, com perda líquida de 16.349 postos – quantitativo mais do que suficiente para impactar negativamente o último trimestre de 2022. Aliás, dezembro foi o único mês do ano com resultado negativo. O mês de outubro, por sua vez, foi o de maior saldo no trimestre, com 6.747 novas vagas, enquanto o mês de novembro registrou um excedente menos destacado, com surgimento de 4.268 novos postos. Esses meses entretanto, apresentaram os menores saldos positivos do ano – o que pode representar indício de certa perda de fôlego na geração de empregos formais. Ressalta-se que todos os meses do trimestre evidenciaram saldo inferior ao de um ano atrás.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi negativo para o país como um todo no agregado dos meses de outubro a dezembro de 2022, com 137.562 postos a menos. Ademais, apenas uma das regiões gerou postos de trabalho no referido período. Em termos absolutos, o Sul (-50.300 postos) evidenciou a pior situação, e o Nordeste (+9.600 postos) exibiu o único cenário favorável. Das unidades da Federação, houve supressão líquida em 17 delas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com decréscimo de 5.334 oportunidades ocupacionais, ficou na 20ª posição, 16 colocações abaixo da verificada no intervalo anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia mostrou o pior desempenho absoluto, enquanto Piauí (-3.086 postos) e Pernambuco (+7.333 vagas) exibiram o segundo menor e o maior saldo regional no período, respectivamente.

O decréscimo de empregos com carteira assinada na Bahia no quarto trimestre de 2022 alcançou três dos cinco grandes estratos setoriais. Entre os dois setores com geração líquida de postos, o de Comércio destacou-se com o desempenho mais proeminente, com a contratação líquida de 6.438 trabalhadores no período. O setor de Serviços, com 3.014 novos contratos, assumiu o segundo melhor resultado na geração de empregos. A Construção registrou a pior performance, com perda líquida de 6.207 vínculos. Em seguida, vieram a Indústria geral, com

a supressão líquida de 4.476 vagas, e a Agropecuária, com a eliminação de 4.103 empregos<sup>3</sup>. Por fim, segundo os dados do Caged, o estoque de vínculos celetistas atual já se encontra em patamar superior ao do período pré-pandemia para cada um desses grupamentos.

Os dados do levantamento mais recente da PNADContínua também ajudam a confirmar que o mercado de trabalho baiano experimentou avanços no quarto trimestre de 2022 (principalmente, nas comparações interanuais). Os progressos, entretanto, não se deram de forma irrestrita, visto que nem todos os indicadores progrediram (como a população fora da força de trabalho e a taxa de participação), segundo essa fonte de dados. Além disso, alguns deles ainda se encontram em níveis considerados adversos ou desfavoráveis, como, por exemplo, a população ocupada e o rendimento médio real mensal, cujas estimativas ainda se encontram aquém da que já foi um dia.

A taxa trimestral de desocupação, costumeiramente o indicador de maior repercussão, após ter iniciado o ano com uma ligeira alta, diminuiu pela terceira vez em trimestres consecutivos – roteiro semelhante ao verificado em 2021. No movimento mais recente, a referida taxa recuou de forma relevante na margem, passando de 15,1% para 13,5% da população ocupada na Bahia – indicando uma queda de maior intensidade (recoo de 1,6 ponto percentual) do que na passagem do segundo para o terceiro trimestre (contração de 0,4 ponto percentual). Em um ano, também houve recuo, já que estava em 17,3% no mesmo trimestre de 2021 – aliás, a terceira maior retração interanual da história (queda de 3,8 pontos percentuais). Assim, a taxa média anual de desocupação no estado ficou em 15,4%, a menor de 2016 para cá e também a menor do país.

Assim, a estimativa trimestral mais recente do desemprego na Bahia (13,5%) assumiu o menor valor desde o quarto trimestre de 2015 (quando havia sido de 12,4%). No entanto, a taxa ainda se mostrou bem acima do seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013, quando atingiu 9,1% da força de trabalho local. Ou seja, apesar da melhora, a referida taxa ainda se encontra em patamar elevado, visto já ter sido inferior a dois dígitos ao longo da série histórica. Aguarda-se, portanto, um dinamismo mais pujante da economia para que volte a um patamar mais razoável.

Além da Bahia, outras 22 unidades da Federação apresentaram contração na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação). Apenas quatro unidades apresentaram variação para cima (Amazonas, Amapá, Piauí e Goiás). A maior retração (absoluta e relativa) ocorreu em Mato Grosso do Sul (com a taxa passando

<sup>3</sup> Por praticidade, houve simplificação de algumas categorizações no texto. Os grupamentos *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura e Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* foram denominados simplesmente como *Agropecuária e Comércio*, nessa ordem.

de 5,1% para 3,3%). Pelo quarto intervalo consecutivo, a maior estimativa continuou sendo a da Bahia – fato que não ocorreu por três oportunidades em sequência antes disso, já que do segundo ao quarto trimestre de 2021, o indicador no estado havia sido o segundo maior do país. Na outra ponta, Rondônia (3,1%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduziu em um percentual quatro vezes acima do observado no território rondoniense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram em 7,9% e 10,9%, respectivamente.

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou alta na ocupação (+0,7% ou mais 42 mil ocupados) e queda na desocupação (-11,7% ou menos 125 mil desocupados). Entre trimestres consecutivos, assim, a ocupação voltou a aumentar após ter recuado, enquanto a desocupação diminuiu pela terceira vez consecutiva. No comparativo interanual, também houve aumento de pessoas trabalhando (+2,3% ou mais 138 mil ocupados) e redução de pessoas procurando por trabalho (-23,8% ou menos 295 mil desocupados). Em relação ao trimestre antecedente, a ampliação da ocupação combinada com a queda do número de desocupados desembocou numa contração relevante da taxa de desocupação no estado no trimestre mais recente. O movimento descendente da taxa de desocupação nessa base comparativa, portanto, esteve atrelado tanto ao aumento do número de pessoas trabalhando quanto ao encolhimento do total de indivíduos sem trabalho e que estavam procurando por um.

O contingente de ocupados no conjunto dos meses de outubro a dezembro de 2022 na Bahia, com 6,052 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, reforçado pela ampliação na margem, revelou-se o segundo maior desde o registrado no último trimestre de 2015 (6,282 milhões de pessoas) – superando em muito o menor valor da série, de 4,869 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia de covid-19). Esse montante, porém, já foi de 6,451 milhões em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada, por sua vez, ficou em 945 mil indivíduos, menor número de baianos desocupados desde o estimado para o quarto trimestre de 2015 (889 mil), ou seja, menor patamar dos últimos sete anos – já tendo sido, todavia, de 634 mil indivíduos no trimestre de encerramento de 2013, melhor marca da série no estado. Por fim, após ter recuado, o número de pessoas fora da força de trabalho subiu pela segunda vez consecutiva, chegando a 5,086 milhões – oscilação desfavorável, já que mantém tal quantitativo num patamar maior do que qualquer outro anterior à pandemia, com potencial para repercutir negativamente na desocupação, caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que, porventura, voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

Na Bahia, no trimestre mais recente, comparativamente ao imediatamente anterior, o número de informais encolheu pela segunda vez em sequência. O quantitativo de formais aumentou após ter retraído. A ampliação do montante de formais (+91 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude maior do que a queda da ocupação na informalidade (-50 mil pessoas). Ou seja, a expansão atual da ocupação no estado ocorreu exclusivamente por meio da formalidade – o que acarretou certo encolhimento do grau de informalidade na margem. Assim, com uma incorporação maior de trabalhadores ao polo protetivo, o aumento geral da ocupação terminou assumindo um caráter mais benéfico, pois fortaleceu uma via mais qualificada de recuperação do mercado de trabalho. Por fim, o período de outubro a dezembro de 2022 contabilizou 3,156 milhões de ocupados na informalidade e 2,895 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 52,1% (ante 53,3% no terceiro trimestre), o quinto maior do país. No Brasil como um todo, 38,8% dos trabalhadores se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

O rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no quarto trimestre de 2022, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.795 – ainda o décimo menor da história para o estado e o terceiro mais baixo entre as unidades federativas (acima apenas dos rendimentos no Maranhão, estimado em R\$ 1.697, e no Ceará, de R\$ 1.776). Dessa maneira, o rendimento médio baiano mostrou-se equivalente a 63,9% e a 95,2% dos rendimentos médios brasileiro e nordestino, que foram, respectivamente, de R\$ 2.808 e de R\$ 1.885 no referido trimestre. Em relação ao mesmo intervalo de 2021, quando o rendimento estava em R\$ 1.669 (menor valor da série), houve alta de 7,5% (ou seja, mais R\$ 126) – a primeira expansão após oito retrações seguidas nessa base de comparação. Em comparação com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.740, ocorreu uma variação positiva de 3,2% (mais R\$ 55), indicando a segunda alta consecutiva.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos, habitualmente recebida por mês pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R\$ 10,560 bilhões – significando uma elevação de 4,3% ante a do terceiro trimestre do mesmo ano (de R\$ 10,127 bilhões) e de 11,1% no comparativo com o total do período correspondente do ano antecedente (cujo valor havia sido de R\$ 9,505 bilhões). Trata-se do maior montante desde o primeiro trimestre de 2020. Assim, a Bahia, no último trimestre do ano, concentrou, respectivamente, 3,8% e 25,5% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina. Enfim, após ter recuado, a massa de rendimento real aumentou pela quarta vez seguida na margem – elevação decorrente tanto do crescimento do rendimento médio real quanto da ampliação da população ocupada, nessa mesma base de comparação. No comparativo interanual, por sua vez, a alta recente

também significou a quarta expansão consecutiva depois de um período com sete quedas em sequência – a alta, nesse caso, também ocorreu por conta tanto do aumento da ocupação quanto do rendimento médio real de todos os trabalhos.